

A PENGUIN SPECIAL

HOWLING FOR YOU

A CHICAGOLAND VAMPIRES NOVELLA



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

CHLOE NEILL



NEW
AMERICAN
LIBRARY



Jeff Christopher é um metamorfo e aliado da Casa de Vampiros Cadogan de Chicago, ele é também um gênio da tecnologia e um hacker dentro da lei na maior parte do tempo. E os únicos escudos de proteção que ele nunca foi capaz de encontrar uma maneira de contornar são os da poderosa família Keene.

Durante muito tempo, Jeff só tinha olhos para a bela Fallon Keene. Infelizmente, ela é a única irmã do letal Apex da Central Norte Americana, Gabriel Keene. Os saldos intrincados de poder e política torna quase impossível para Fallon confiar em seus sentimentos.

Mas o destino faz sua jogada quando o totem do bando é roubado, ameaçando o reinado da família Keene e Fallon pede a ajuda de Jeff para recuperá-lo antes que o bando entre em guerra. Ela e Jeff encontrarão o totem, e restaurarão a ordem antes que seja tarde demais? E será que Jeff finalmente será capaz de provar a si mesmo para a única pessoa que ele realmente ama?



Howling For You



Chloe Neill

Chicago, Illinois

Tensão e magia encheram o ar como fumaça invisível, rodando em volta de nós com o peso dos mistérios antigos. Nos encaramos, cada um em um lado da pequena mesa, como inimigos em um campo de batalha, armas afiadas e prontas.

Mas não éramos inimigos.

Também, não éramos nada além disso, na verdade.

— Você vai jogar em algum momento ainda hoje? — ele disse. — Quero dizer, se você estiver com medo, eu posso te dar um pouco mais de tempo.

— Você não pode apressar o gênio. — eu disse, olhando das cartas na minha mão para o homem que se sentava à minha frente.

Ele era alto e magro, com cabelo castanho claro e longo o suficiente para colocar atrás das orelhas ou cair nos olhos dele. Seus olhos, azuis e geralmente vitrificados com felicidade, sorriam para mim. Ele parecia jovem — novo e ansioso — mas ele tinha as habilidades de um guerreiro e o coração de um tigre. Literalmente.

Jeff Christopher era um metamorfo e um membro da Matilha da minha família, a Central Norte-Americana.

Cruzei uma perna sobre a outra, minha saia, meia-calça e botas escuras, nem de perto conseguindo o suficiente para combater o frio no ar. Little Red, o bar onde jogamos cartas, era muito amado pela Matilha Central Norte-Americana. Mas era velho, sujo e extremamente frio.

Esta noite, nós estávamos quase sozinhos, exceto pela minha tia

Berna, que ficava atrás do bar furtivamente — ou assim ela pensava — lendo Crepúsculo pela décima quarta vez e com a lamúria de Robert Johnson no jukebox do outro lado da sala. Mas o sol mal tinha se posto. Em breve, mais dos metamorfos da cidade iriam encher o bar com couro, magia e músculos.

Eu puxei o quatro de paus da minha mão e ele caiu na primeira das três pilhas de cartas na mesa. Jeff olhou para elas e, em seguida, olhou para mim com expressão pensativa.

— Problema? — Eu perguntei.

— Não quero perder outra vez. Ele sorriu. — Meu ego viril não consegue lidar com isso.

— Seu ego viril não importa, enquanto eu não ganhar de você no ‘Jakob’s Quest’. Esse era o seu jogo favorito. Ele era um mestre nele, assim como era com a maioria das coisas relacionadas à tecnologia.

— É verdade, ele disse. — Mas nós estamos, a o que, doze jogos contra nove agora?

— Doze contra oito. — eu disse, mordendo um sorriso de volta. E não chegaria ao nove, dada as cartas na minha mão. — Mas boa tentativa.

Ele bufou, pegou o quatro e enfiou no seu jogo, então debateu de qual carta desistir. Se ele estava pegando um quatro — uma carta basicamente inútil — ele não deve ter muitas opções.

Jeff tomou sua decisão, deixando cair um três sobre a mesa. Foi uma boa escolha; três eram ainda mais inúteis do que quatros. Mas ainda não seria suficiente.

E agora, eu pensei, é hora de puxar o gatilho e acabar com o sofrimento dele.

Deslizei uma carta da minha mão e a coloquei no meio das três pilhas com um estalo.

— Eu chamo a coroa*, eu disse com um sorriso, o ás de ouros

brilhando vitoriosamente.

Choque brilhou em seus olhos; Ele não sabia que eu segurava o ás — muito menos o ás de diamante, a penúltimo carta em Call the Crown, o jogo favorito da Central Norte-Americana.

Jeff olhou para mim novamente, o sorriso florescendo. — Eu tinha certeza que aquilo estava no monte de cartas.

— Estava. Peguei na terceira rodada.

Seus olhos brilharam com divertimento. Ele tinha um rosto tão inocentemente bonito, que desmentia sua força e paixão. Como eu, ele era leal à Matilha.

Eu sou Fallon, a única filha da família Keene. Gabriel, o mais velho, era o Apex da Matilha. Eu era a segunda mais velha, e era seguida em idade (e em alfabeto, porque minha mãe tinha um estranho senso de humor) por Eli, Derek, Christopher e Ben. Adam tinha sido o bebê, mas ele tinha traído Gabriel, a família e a Matilha. Ele não era mais um Keene.

Se algo acontecesse com Gabriel, eu era a próxima na linha para a coroa. O que me fazia a primeira Apex mulher possível na história da Central Norte-Americana. Tecnicamente, o filho de Gabriel, Connor, era o próximo herdeiro. Mas ele ainda não tinha sequer um ano de idade, e o controle da Matilha não poderia passar para uma criança. Por agora, isso me fazia a próxima.

Também me fazia o maior prêmio de metamorfos no país.

Eu coloquei o resto das minhas cartas sobre a mesa e recolhi os meus ganhos. O tampo do mesa, um dos dez ou quinze em volta de nós, era gravado com o tempo e estava pegajoso com décadas de cerveja e uísque. Precisei de duas viagens para recolher as moedas que tinha apostado.

— E isso faz treze — eu disse, deslizando-as no bolso do meu casaco.

— Tenho bastante certeza de que eu ganhei nove. — Jeff disse com um sorriso, puxando o resto das cartas em um baralho arrumado. —

Ainda estamos pertos. Quase empatados.

Ele quis dizer as cartas... e nós. O jogo em que ambos estávamos sendo peões. Meu estômago apertou.

— Sinto muito. — ele disse, se esticando e colocando uma mão por cima da minha. Ele deve ter sentido meu espanto.

O contato enviou uma sacudida de magia e emoção através de meu corpo, aquela sensação de pertencer a algo e a familiaridade que Jeff Christopher desencadeava com cada toque e seu sorriso dilacerante.

Mas ele não era para mim. E isso era tudo que acabaria importando.

Puxei minha mão e olhei para o relógio. – Sem problemas. Mas tenho de ir.

Ele tentou sorrir, mas não foi convincente. – Você vai virar uma abóbora?

— Eu tenho que encontrar alguém. — Eu disse, e essas poucas palavras foram suficientes para fazer a alegria nos olhos dele desaparecerem.

Sua dúvida só durou um momento; seus olhos pareceram aço com determinação, e ele os virou para mim. — Alguém? — ele perguntou, mas não esperou que eu respondesse. — Um potencial companheiro, você quer dizer.

A Matilha acreditava que cada Apex precisava de um companheiro, um homem ou mulher forte o suficiente para ajudar o Apex a manter a Matilha. Já que eu poderia ser um Apex um dia, minha família iria identificar potenciais companheiros. Um plano do juízo final em forma de namoro.

Cérebro e músculos eram traços populares, mas não as únicas qualificações. Cada família de metamorfos assumia uma forma específica de animais. Os Keenes eram lobos, da mesma forma como os primeiros conhecidos metamorfos, Romulus e Remus e, portanto, o mais prestigiados. Os lobos foram os Primeiros Animais da Primeira Matilha.

A mudança era mágica, mas a forma era toda sobre genética. E isso é o que *realmente* importava.

Jeff Christopher, brilhante e encantador, era um animal bonito e poderoso: pelo lustroso; olhos predatórios; patas pesadas; cauda longa.

Jeff era um tigre.

O protocolo da Matilha — a tradição da Matilha — dizia que metamorfos que se transformavam em animais diferentes não deviam estar juntos. Claro, algumas pessoas ignoravam as regras. Mas aquelas pessoas não eram membros da família do Apex, e certamente não eram segundos na linha de sucessão. Eu não tinha o luxo da rebelião.

Gabe e Jeff tinham sido amigos há algum tempo. O conheci há alguns meses. Gabe confiava e respeitava Jeff, que trabalhava com Chuck Merit, um ex-policia! que tinha sido contratado por um antigo prefeito para ajudar seres sobrenaturais em Chicago. A agência de Chuck Merit já não era oficial, mas Jeff e seu colega feiticeiro, Catcher Bell, ainda se ofereciam para resolver dilemas sobrenaturais.

Gabe não tinha parado a nossa amizade ou se queixado sobre o tempo que passávamos juntos, acreditando que iríamos nos distanciar eventualmente. E a cada estação do ano que se passava, o número de parceiros em potencial que Gabe colocava na minha frente aumentava. Jeff era um cara legal. Mas havia regras.

— O preço do Jeff Christopher é muito alto — Gabriel gostava de dizer. — Não pode ter ele e a Matilha.

Jeff sabia sobre a tradição; cada metamorfo sabia. Acho que ele esperava que Gabriel mudasse seu pensamento, ou a Matilha. Isso não tinha acontecido. Mas fatos concretos não tinham feito nada para diminuir o brilho ardente entre nós.

— Não vá. — ele disse, saindo da sua cadeira do outro lado da mesa para aquela ao lado da minha. Seu aroma único se moveu com ele — os aromas profundos e inebriantes da selva e seu perfume quente e aveludado. Assim como a sua magia. Era geralmente brilhante e quase

alegre, brilhando como ondas de luz solar através da água. Mas o humor tinha escurecido, junto com sua magia, o poder que eletrizava o ar como em um momento antes de uma tempestade.

Ele tocou minha mão novamente, enviando um choque de magia na minha espinha. Lutei muito contra a promessa disso. Nossa relação não tinha sido exatamente platônica, mas havia linhas que não tínhamos atravessado.

— Eu sou uma Keene. — eu o lembrei... e a mim mesma. — É a tradição. É parte da Matilha, parte de quem nós somos.

— É uma tradição besta. E eu vou dizer isso na cara do Gabe. Sua expressão era feroz, mas eu o conhecia melhor. Jeff Christopher era tão leal quanto se podia ser.

— É a coisa certa a fazer. — Eu disse, mas até eu ouvi o sussurro silencioso de dúvida em minha voz.

Ele se mexeu e colocou uma mecha do meu cabelo ondulado atrás da minha orelha. — Você não é apenas uma Keene. Você pode ser a Fallon, também.

Magia floresceu entre um arco invisível que nos envolvia, enviando arrepios ao longo de meus braços.

Eu engoli um bocado de luxúria. Afastei o óbvio interesse do lobo que rondava dentro de mim, senti seu desapontamento afiado quando me levantei e empurrei minha cadeira que gritava em protesto contra o piso de linóleo pegajoso e manchado. O lobo não se importava com a forma de Jeff Christopher. Que ele fosse mágico — feroz e masculino — era o suficiente para ela.

Não tinha como negar que Jeff Christopher e eu tínhamos boa magia. Mas a magia não vencias todas as batalhas. Às vezes, a família tinha que ganhar, porque era a única vitória que essa garota podia ter.

— Eles estão contando comigo. — eu disse, evitando os olhos dele, com medo que ele visse minhas dúvidas, mesmo que eu as tivesse

empurrado para baixo em meu intestino quanto possível. — E você sabe a outra opção.

Abdicação. Eu poderia ter Jeff Christopher se eu desistisse da minha pretensão para a Matilha, meu lugar na linha de sucessão. Mas eu também estaria perdendo minha família, rejeitando a formação e a educação que eu tinha recebido como uma Apex em potencial.

Eu me importava com Jeff, mas ele não era para mim. Não fomos feitos para o outro. Poderia ter sido uma das grandes tragédias do meu universo, mas que não conseguia ser menos verdadeira.

— Um dia desses eu vou começar a tomar suas rejeições pessoalmente. A voz de Jeff estava confiante, mas havia dor em seus olhos. Ainda assim, ele colocou uma boa fachada. — Hoje não é esse dia. Até a próxima, Fallon.

A voz dele atraiu meu olhar de volta, e a promessa em seus olhos era inconfundível.

— Até a próxima. — ele disse mais uma vez, como garantia.

A Matilha tinha sua base em Memphis, mas nossa família tinha fugido para Chicago no início do ano. Nós tínhamos feito uma promessa para ajudar os vampiros de Chicago para manejar as crises sobrenaturais que emergiram logo que eles tinham anunciado a sua existência ao mundo.

Nós tínhamos procurado por um lugar que nos lembrasse a nossa casa e encontramos uma casa na fazenda que há muito não tinha qualidade, mas com muito espaço para vaguear e quartos para todos nós. A casa não estava na sua melhor forma — a tinta que uma vez foi de um azul vibrante tinha desvanecido para um cinza/azul aguado — mas mesmo desgastada em volta das bordas, ela era linda. Uma enorme varanda redonda enrolava quase a metade da frente da casa — algo obrigatório para uma família com raízes do Sul — e uma torre com um telhado cônico projetado, orgulhosamente, de um lado. O resto da fachada era uma linha de janelas, persianas e telhado.

O interior da casa ainda levava os perfumes das gerações que tinham ido e vindo. Cada geração, cada ano, deixava um cheiro sobre a outra como estratos geológicos. Pacotes de ervas penduraram para secar na cozinha. Perfume suave, à moda antiga. Sujeira e grama de longos dias de trabalho.

Eu acho que foi por isso que Gabe tinha escolhido o lugar — porque memórias ainda continuavam na casa, e eles pegaram os lugares dos membros da Matilha que tínhamos deixado para trás em Memphis.

Entrei, pendurei o meu casaco de lã preto na prateleira barroca que ficava perto da porta da frente e olhei de relance para o espelho antigo

que estava pendurado para uma verificação final.

Eu tinha muitos brincos e tatuagens e meu gosto em roupas corria em direção ao preto e cinza, cores suaves, e em camadas. Meu cabelo loiro escuro era ondulado com curvas que eu tinha herdado da minha mãe. Meus olhos cor de conhaque estavam contornados com lápis preto e minha camisa de gola longa era escura, com mangas muito aguçadas e que caíam quase à bainha da minha saia plissada preta.

Quando me preparava para encontrar outro companheiro em potencial, um lobo em roupa humana, eu me dava uma avaliação honesta. Meus olhos eram afiados e claros, minha boca larga o suficiente para parecer atrevida. Eu tinha bons dentes, uma grande gargalhada e uma escola pública de educação que me tinha feito muito bem. Isso não significava que o potencial se sentiria da mesma maneira. E mesmo que eu não ficasse entusiasmada com a perspectiva de conhecê-lo, ninguém gostava de rejeição.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, respirei profundamente e entrei na sala de estar.

Toda a família estavam ali esperando entre o mobiliário com veludo desbotado: meus irmãos — Gabriel e Ben — além de Tanya, a esposa de Gabe e Connor, seu filho e príncipe. Mas enquanto eu os contava em minha lista mental, percebi que não havia um pretendente a vista. *Talvez ele tenha mudado de ideia*, eu pensei com emoção que eu poderia encontrar Jeff para comer panquecas, ou podíamos assistir a um filme na casa dele.

A família estava em volta de Gabriel, alto e de cabelos castanhos, com olhos de âmbar que ocasionalmente mostravam magia e ombros largos. Ele era uma presença, sempre. Ocasionalmente, o maior homem na sala, sempre o mais imponente.

Eli tinha cabelos escuros e os olhos azuis da nossa mãe. Gabe, Ben e Christopher, tinham o cabelo castanho e olhos âmbar do lado do meu pai e Derek era uma mistura dos dois, com cabelos escuros e olhos

âmbar. Meus pais tinham sido um casal estranho e belo — a capacidade atlética dele banhada contra a beleza exótica e pequena dela.

Como os meus pais, Tanya era o complemento de Gabriel. Absolutamente linda de forma suave e natural, com bochechas que sempre pareciam brilhar com um rosa saudável e o cabelo escuro atualmente puxado em um coque. Ela balançava Connor em seus braços e piscou para mim.

— Ei, mana. — disse Ben, colocando um braço ao meu redor. — Eu pensei que estava com Jeffrey hoje à noite. — Ben não era fã da tradição de companheiro.

— Gabe queria que eu conhecesse alguém. — eu disse, deslizando um olhar para o meu irmão mais velho. Ele ignorou a alfinetada, mantendo seu olhar na caixa que estava na mesa na frente dele.

— Um potencial? — Ben perguntou, olhando para o Gabriel. — Você não mencionou isso.

— Ele não está aqui para você. — disse Gabriel, então olhou para mim. — Você chegou apenas a tempo antes da revelação.

— O que nós estamos revelando?

— O homem velho trouxe a coroa do armazenamento. — disse Eli, dando um passo à frente.

— Ah, eu disse com um sorriso. — Para a iniciação do Connor.

A iniciação era outra tradição da Matilha, uma oportunidade para o verdadeiro herdeiro aparente ser formalmente introduzido ao CNA. Amanhã, Connor receberia uma coroa. Esta noite, eu tenho um encontro às cegas.

O príncipe ganhou aquele round.

Sem palavras, Gabriel abriu a caixa. A pequena coroa, delicada e dourada, com arcos na parte superior, brilhava como a corona de uma estrela, aninhada numa almofada de veludo roxo.

Magia, pesada e antiga, derramou pela sala.

Gabe levantou a coroa, as gravuras ao longo dela capturavam a luz e polvilhavam ao redor da sala. A história do mundo estava desenhada lá, a história da origem dos homens e mulheres cujas sombras unificaram os mundos de homens e animais. A artista foi esquecida há muito tempo, mas sua habilidade vivia. Assim como a magia que tinha sido escrita nela.

— Acho que Connor pode ser um pouco pequeno para isso. — disse Christopher.

— Não, se ele tiver a cabeça gigante de melão de Gabe. — disse Ben, estendendo os braços e passando a mão no topo da cabeça do Gabe. Só Ben podia ter fugido com o gesto sem ouvir uma reclamação. Ele era o mais feliz dos Keenes, o que sorria mais de todos. E agora que Adam se foi, ele era o bebê.

— Cada melão na minha família está bem. — Gabe disse, entregando a coroa a mim e passando uma mão pelo cabelo dele para ajeitá-lo novamente.

A coroa era mais pesada do que eu esperava, e o metal era mais quente. Ela tinha adornado gerações de líderes da Matilha, Keenes e outros e enquanto a história se passava, tinha absorvido a magia ao longo do caminho. Talvez isso explicasse o peso.

— Você acha que pode deixar a girafa longe o suficiente para colocar essa coisa na cabeça? — Christopher perguntou.

A girafa tornou-se o brinquedo favorito de Connor. Ele tomava banho com ela, dormia com ela, jogava com ela. E quando ele era levado para tomar banho ou na hora do jantar, o jovem príncipe deixava seu descontentamento bem claro para todos.

Gabriel olhou para ele considerando. Connor sorriu de volta, chutando os pés alegremente contra sua mãe e segurando sua girafa com os dedos de bebê rechonchudo, cobertos de baba.

— Duvido. — disse Gabriel. — Mas deve ter custado uma fortuna pagar um mensageiro para trazê-la de Memphis. Ele vai usá-la com ou sem a girafa.

Quando Gabe estendeu uma mão, eu ofereci a coroa de volta para ele, feliz por tê-la fora das minhas mãos. Não tínhamos cetro, nem capa de arminho, nem joias da coroa. Mas tínhamos a coroa. E, enquanto a família de Keene mantivesse a coroa, nós mantínhamos a Matilha.

Não era apenas um símbolo da CNA; era o coração do poder do Apex. Permitia que o Apex alcançasse os membros individuais da Matilha e reuni-los. Era um poder profundo — a capacidade de obrigar metamorfos a estarem do lado do alpha deles — e que tinha que ser usado criteriosamente. Ainda não havia muitas pessoas que sabiam o que podia fazer; não havia muito a ganhar com a publicidade de seu poder.

Muitos membros da Matilha, incluindo nossa família estendida, tinham ficado em Memphis. Nós tínhamos deixado a coroa e o seu pesado poder em seus cuidados confiáveis. Agora que estava aqui, o fardo era nosso para proteger.

— Você vai coloca-la no cofre? — Christopher perguntou.

Nós tínhamos armazenado suprimentos de emergência dentro de um cofre de aço antigo que tinha sido transportado de um edifício em Memphis que estava sendo demolido.

— Parece o melhor lugar para isso. — disse Gabe, devolvendo-a para sua almofada e fechando a caixa de novo. — Embora hajam aranhas lá em baixo. Eu não gosto de aranhas.

Gabe tinha enfrentado metamorfos furiosos, vampiros irritados e coisas piores. Mas aranhas eram suas inimigas mortais. Para ser justa, as aranhas do porão eram grandes e prontas para atacar.

— Sabemos disse. — disse Ben, dando tapinhas em suas costas. — Todos nós temos nossos fardos para suportar.

— Basta. — disse Gabriel. — Temos companhia.

Todos nós olhamos para a porta, onde um homem quase a bloqueava completamente.

Ele tinha forma de um jogador de futebol americano. Ombros largos

como montanhas, todos os músculos definidos por baixo de uma jaqueta de couro, jeans e camisa de algodão confortável. Ele tinha cabelo escuro, ondulado e olhos cinzentos debaixo de uma sobrancelha arredondada; sua boca era exuberante. Ele tinha o tipo de boa aparência que as pessoas descreveriam como "áspera", e ele certamente parecia que podia dar conta de si mesmo.

Ele puxou as luvas de couro de suas mãos e as colocou nos bolsos do casaco dele.

— Patrick York. — disse Gabe.

Gabriel não tinha me contado quem eu encontraria hoje, e eu não tinha me preocupado em perguntar. Mas eu absolutamente não esperava por isso.

Havia três outras Matilhas nos Estados Unidos: Consolidated Atlantic, Western e Great Northwestern. Dentro dessas matilhas tinham algumas famílias grandes e velhas, incluindo a nossa e os Yorks, lideradas pelo patriarca Richard, pai de Patrick. Mas enquanto controlávamos a Matilha, os Yorks eram membros mas não eram muito ativos. A família vivia em Wisconsin, o que os colocava no território da Matilha CNA, mas não compareciam a uma convocação da Matilha em anos.

Se Patrick York estava aqui para me encontrar, isso iria mudar. E a pressão estava aqui.

— Patrick, conheça a família. — Gabriel disse. Ele apontou para nós. — Christopher, Ben, Eli, Derek, Tanya, Connor. E Fallon.

Eu ofereci um aceno, meu estômago apertando com nervos.

Patrick sorriu para mim, seus olhos cinzentos intensos. — É bom conhece-la.

— Você, também.

— Como foi a viagem? — Ben perguntou.

— Bem, obrigado. Ainda não começou a nevar, embora eu ache que

está chegando. Seu olhar caiu sobre a caixa da mesa, e seus olhos arregalaram. — Isso é o que eu acho que é?

— Todos os quatro quilos. — Gabe disse, dando-lhe um olhar. — Você quer segurá-la?

— Oh, não, Patrick disse com um sorriso, levantando suas mãos e dando um passo atrás. — Definitivamente não. Não quero nenhuma parte disso.

— Quem não gostaria de uma parte de uma coroa? Ben perguntou, Gabe deu tapinhas nas costas. — Todo o poder. A fama. Ele olhou ao redor da sala, que tinha visto dias melhores. — Glamour.

— Tenho certeza que é lindo, mas estou feliz por acreditar na sua palavra. Você está se preparando para a iniciação de Connor?

— Nós estamos. Você gostaria de se juntar a nós? — Iniciações eram assuntos geralmente familiares, mas Gabe sabia a hora de ampliar o ramo da oliveira.

Patrick abanou a cabeça. — Obrigado, mas eu não quero me intrometer. E eu só estou na cidade para passar a noite. Vou partir pela manhã.

Ele estava, ele quis dizer, somente na cidade para me encontrar. O que de alguma forma fez o companheiro em potencial parecer uma coisa ainda mais espalhafatosa.

Gabriel sorriu. — Você terá que ficar mais tempo da próxima vez, sentir Chicago. É uma grande cidade.

— Parece ser. — ele disse. — Pelo menos as partes que vi do carro. Vou ver um pouco mais no caminho para o hotel.

Gabe assentiu com a cabeça. — Já que você só está aqui por um tempo, melhor irmos embora. Gabe olhou para o resto da família, que deu um pigarro estranho. Ben piscou para mim, pegou a caixa e saiu da sala.

O ar — e a magia nele — diluiu.

— Eles são... intensos. — disse Patrick.

Dei de ombros. — Eu tenho um monte de irmãos. É o pior cenário para potenciais.

Ele me olhou com curiosidade. — Você não é de jeito nenhum o que eu esperava.

Não sabia como responder a isso. — O que você esperava?

— Uma debutante, eu acho. — Ele me olhou, pegou no cabelo e nas roupas. — Menos séria. Mais risonha.

— Eu definitivamente não sou risonha. Mas posso matar um homem de quarenta e duas maneiras diferentes.

— Quarenta e duas. Isso é impressionante. Eu aprecio uma mulher que pode cuidar de si mesma. Ele olhou ao redor da sala. — Tenho um carro lá fora. Gostaria de dar uma volta?

Magia fraterna — esperançosa e preocupada — se infiltrou da sala ao lado. Espaço parecia uma boa ideia.

— Mais do que possa imaginar. — Me dirigi para a porta.

Eu tinha colocado o casaco na saída, mas aquilo dificilmente enfrentava o frio no ar. O ar estava frio e pesado, inquietantemente parado. Eu concordei com o Patrick; neve estava por vir.

Uma SUV preta e lustrosa estava parada no chão de cascalho na frente da casa. Um homem de terno preto liso — cabeça raspada e olhos escuros e penetrantes — abriu a porta traseira.

Patrick fez um gesto para o motorista. — Tom Webb, esta é a Fallon Keene. Fallon, Tom Webb. Ele vem ajudando a família por muitos anos.

Eu não conhecia os detalhes dos negócios dos Yorks, mas tinha algo a ver com madeira. Se Patrick tinha um motorista, imaginei que o negócio estava indo bem.

Webb sorriu, mas seus olhos ainda estavam avaliando. Eu li a lealdade no olhar, pelo fato dele olhar minha medida e considerar se eu era a mulher certa para o filho preferido dos Yorks.

Me meti no banco de trás, e Patrick me seguiu.

— Belo carro. — eu disse quando Tom tinha fechado a porta atrás de nós.

O sorriso de Patrick era tímido. — Obrigado. Preciso de espaço. Ele fez um gesto em direção a suas pernas longas, que preenchia bem o pé. Seus ombros enchiam praticamente metade do banco de trás.

— Onde vamos? — Patrick perguntou.

Era fevereiro e estava escuro. Havia apenas um pouco a se ver da

cidade a partir do banco de trás de um carro. — Bem, se você nunca veio para Chicago, devo fazer com pelo menos olhe para o horizonte.

Me inclinei para o banco da frente. — Vire à esquerda e quando você voltar à estrada principal, vire à direita. Há um marcador histórico cerca de três milhas para frente. Pare quando você vê-lo.

— Entendi. — disse Tom. A tela subiu, separando a frente e a parte de trás e nós fomos para longe da casa e voltamos para o longo caminho de cascalho.

Patrick me olhou com interesse. — Viagem de campo arqueológica?

— Não exatamente. — eu disse. — Você verá quando chegarmos lá.

— Eu estou sempre pronto para uma aventura, ele disse com um sorriso. — Fale sobre você. Além do fato de que você é a próxima na linha para o controle da Matilha Central Norte-Americana.

O tom dele era sarcástico, o que me ajudou a relaxar. Tinha havido muitos outros potenciais — homens com quem eu tinha compartilhado café ou pizza — cujas primeiras perguntas foram sobre Gabriel, a realeza, a Matilha. Eles tinham deslizado através da triagem de Gabriel e estavam interessados em mim só porque eu poderia ajuda-los a chegar mais perto dele.

Potenciais assim davam ao processo um sabor ruim. Mas me tornei adepta a assustá-los, me fingindo de louca para deixá-los com dúvidas. E se eles se tornassem muito atrevidos, um joelho nas bolas os colocava na linha novamente.

— Tenho vinte e sete. Eu gosto de música. Eu vivo para café e rosquinhas. Eu acredito em contos de fadas, mas não em fadas madrinhas.

— Essa lista parece bem ensaiada.

— Eu conheci muitos potenciais.

— E ninguém foi interessante?

— Todo mundo é interessante do seu jeito. Dei de ombros. — Mas

uma relação precisa de mais do que ser interessante.

— A faísca. — disse ele, olhando pela sua janela. — Precisa da faísca.

Tive a sensação pelo seu tom que ele tinha tido a faísca antes. Já que estava no carro comigo, supus que ele não conseguiu capturá-la.

— É um jeito de se ver. E você?

Ele encolheu os ombros. — Eu diria que sou amante da natureza. Eu gosto de pescar. Caminhar. Cortar lenha.

— Você é um lenhador.

Ele riu vivamente. — Sim. Eu acho que você poderia dizer isso. Ele flexionou bíceps impressionantes. — Mantém um homem em forma.

— Eu posso ver.

— Posso te fazer uma pergunta?

Assenti.

— Isto é... o que realmente quer? Quer dizer, essa coisa toda de potencial?

Eu olhei pela janela, vi fazendas passarem enquanto Tom pegava a estrada em um ritmo calmo. — Eu quero a minha família a salvo. E eu quero que a Matilha seja sólida. Saudável. Ter um companheiro que a família aprova é apenas uma parte disso.

Pela quadragésima vez, desejei que Jeff fosse um tipo diferente de animal. Mas ele não podia mudar o que ele era mais do que eu podia mudar quem eu era, me colocar em uma família diferente ou fazer com que os Keenes sejam diferentes.

Jeff não era o ponto, eu me lembrei e me concentrei em Patrick. Eu fiz um compromisso, então ele merecia minha atenção.

Eu olhei de novo para Patrick. — E você? Você quer essa coisa toda de potencial?

— Eu quero uma conexão. Eu quero que minha família seja feliz. Ele mexeu nervosamente no anel de ouro na mão direita, o que me dizia que

tinha uma complicada história ali. — Meu pai está ficando mais velho. Ele não está bem.

— Eu lamento ouvir isso. Metamorfos eram, em geral, um grupo saudável; se transformar em forma animal curava a maioria das coisas que afligia nossas formas humanas. Mas animais também ficavam doentes, e não havia cura fácil para isso.

— Acho que adiciona à pressão de achar alguém.

Patrick riu descontente. — É uma maneira de se ver. Se eu ouvir a palavra 'legado' mais uma vez, eu provavelmente vou bater em alguém.

— Eu fiz isso.

Ele olhou para mim com divertimento. — Sério?

— Sim. — Eu cruzei uma perna sobre a outra, bati na de cima. Era um hábito, geralmente causado por muita cafeína. Hoje, eu poderia culpar nervos à moda antiga.

— Robin Swift enviou um amigo de sua família. Robin era o Apex da Matilha Western. — Me levou para jantar no restaurante mais caro de Chicago — foi o que ele me disse. Seis ou sete vezes. E enquanto estamos lá, me deu uma palestra sobre respeitar legados.

— E você deu um soco nele no restaurante?

Eu sorri. — Não, dei um soco nele quando ele me disse que meu único propósito era ter seus filhos e então colocou uma mão dentro da minha blusa.

Patrick sorriu. — Você acertou o soco?

— Quebrei o nariz dele.

— Boa garota.

Nós desaceleramos, e olhei para cima para ver a placa de metal familiar no lado da estrada. Tom virou o carro na pequena rua, que terminava em uma cerca.

— E agora? Patrick pediu.

— Ainda é uma surpresa, Eu disse, saindo do carro, quando Tom abriu a porta. Patrick ofereceu instruções sussurradas para Tom e, em seguida, me seguiu pelo portão aberto. Nós andamos através da neve pelo campo pequeno, onde tinha uma chaminé coberta de videira, a única parte do edifício que ainda estava de pé.

Com as mãos nos bolsos, Patrick olhou acima da chaminé. — Que lugar era esse?

— Um templo jesuíta, e depois uma igreja. No passado, pelo menos.

Ele passou os dedos sobre a pedra áspera, algo que eu tinha feito uma dúzia de vezes. — Como você encontrou isso?

— Lua cheia. — eu confessei com um sorriso. — Não consegui dormir, então eu corri até que eu não conseguisse correr mais. Acabei aqui.

— Há muita história aqui. — disse Patrick, olhando ao redor. — Muito poder.

Balancei a cabeça. — Às vezes eu me pergunto se eu o encontrei, ou se ele me encontrou. Mas na verdade não é o que eu queria te mostrar. Por aqui.

Ele me seguiu, e caminhamos em silêncio até a pequena elevação do outro lado do campo. Quando chegamos ao topo, eu estava finalmente quente.

— É por isso que estamos aqui, Eu disse quando ele ficou do meu lado, e ouvi a sua respiração.

Chicago estava diante de nós como um manto de luz, edifícios subindo por todo o horizonte como um batimento cardíaco tivesse sido traçado pelo céu.

Memphis sempre seria meu lar, mas eu certamente entendia o apelo da Cidade dos Ventos. Arquitetura, gastronomia, política. Era uma parte importante da construção da América, mesmo que ainda tivesse as

cicatrizes.

— Esta é uma visão impressionante.

— Sim, eu gosto. E eu gosto de Chicago. Não é meu lar — ainda não — mas eu gosto.

— Muita energia. — disse Patrick.

— Sim, Eu concordei. – Tem sim. Você é de Wisconsin?

Ele assentiu. — Minha família é de Wausau, no meio do estado. A maioria deles ainda vive lá. Eu tenho uma cabana no lago norte de Sheboygan. É silencioso, especialmente no inverno. Sem turistas. Falando em turistas, muitas pessoas vêm amanhã para a iniciação?

A mudança abrupta de conversa me fez olhar para ele, me perguntando sobre o motivo dele. Mas se ele estava buscando obter detalhes sobre o evento ou Connor, seu corpo não demonstrou. O olhar dele ainda estava no horizonte.

Ainda assim, eu escolhi minhas palavras cuidadosamente. — Principalmente amigos e familiares.

— A cerimônia será em uma igreja?

— Na St. Bridget. O local não era um segredo, especialmente desde que Gabriel já o tinha convidado. — É na Aldeia Ucraniana. Nós não tínhamos escolhido o local devido a filiação religiosa, mas porque era no coração do nosso bairro favorito e um local comum para reuniões da Matilha. Nós tínhamos uma ligação com ele.

Ele assentiu com a cabeça, mas eu podia dizer que a resposta não tinha satisfeito ele.

— Te incomoda que ele receba a coroa? Em vez de você, quero dizer?

Acho que isso era o que realmente tinha estado em sua mente. — Não. — eu disse. — Deveria?

Ele levantou suas mãos novamente. — Sem ofensa. Só acho que, se fosse comigo, eu ficaria puto. Minha chance sendo levada embora. Não

precisa responder a isso. E eu não queria chateá-la. Estou realmente curioso.

Ele ficou em silêncio por um momento e quando olhei para trás para ele, encontrei ele olhando para a linha do horizonte.

— Estou em uma situação completamente diferente. — disse ele. — Minha vida, como a sua, foi construída em torno da família, mas a dinâmica é diferente. Você é parte da família do Apex. Para o resto de nós, isso é uma grande coisa. Você é grande coisa. Então me pergunto se alguém mais receber a coroa parece como uma grande coisa.

Era grande coisa. Mas não do jeito que ele quis dizer.

Era grande coisa que Tanya e Gabriel, após vários anos e mais anos tentando, mais do que eu teria desejado para qualquer um, tinham conseguido engravidar. Uma grande coisa que Connor tinha nascido com segurança após uma gravidez difícil. Grande coisa que eu tinha um sobrinho, saudável e feliz.

— Família é família. — eu disse, simplesmente. — E Matilha é Matilha.

Uma hora mais tarde, a SUV parou na casa novamente.

Patrick olhou para mim. — Gostei de conhecer você, Fallon. Eu vou ficar no Hotel Meridian. Eles têm um bar fantástico, e eu gostaria de convidá-la para uma bebida.

— Não acho que estou preparada para isso esta noite, com a iniciação amanhã. Mas obrigado pela oferta.

— Tem certeza que não posso mudar sua decisão? Sem esperar por uma resposta, Patrick se moveu, pressionando a boca na minha, e fez o seu melhor argumento. Seus lábios eram macios, e a mão dele que tocava o meu rosto era inegavelmente forte. Ele acariciou minha mandíbula enquanto aprofundava o beijo.

Mágica, confortavelmente animal, pulsou em todo meu corpo, arrepios levantaram em meus braços. Minha mágica levantou e encheu

o carro com energia quando Patrick aprofundou o beijo.

Nossa magia era claramente compatível. Mas isso era tudo. Não havia nenhum coro angelical. Nenhuma música repentina. Nem um simples formigamento ou concentração de variedade não mágica.

A parte de mim que queria continuar saindo com Jeff estava entusiasmada. Outro potencial encontrado, que tinha chegado mais longe.

Mas a parte que se sentia obrigada com a família e a Matilha se sentiu culpada. Eu não estava tentando o suficiente? Sabotando qualquer chance que esses caras podiam ter tido para me conquistar?

Patrick se afastou e olhou para mim. — Fico com a sensação que seu coração não está aqui.

Eu não tinha palavras para responder, mas ele estava absolutamente certo. Meu coração estava em outro lugar, pensando em um tigre que provavelmente estava andando pelos corredores do apartamento dele.

— Sinto muito. — eu disse.

Ele sorriu. Era um sorriso tão bonito. Ele só não fazia que eu sentisse nada.

— Sem ressentimentos. — disse ele. — O coração quer o que o coração quer.

Eu deslizei em direção à porta e quando Tom a abriu, sai novamente.

— Espero que você o encontre. — disse Patrick.

— Nós dois. — eu murmurei. A casa estava quieta e escura. Nos primeiros poucos potenciais, toda a família tinha esperado na sala de estar para que eu voltasse e desse o relatório. Depois de dez encontros, eles tinham parado de esperar.

Fazia tempo que passamos dos dez encontros.

Eu tirei minhas botas e pendurei meu casaco e fui lá em cima para

o meu quarto no segundo andar. O mundo podia ser caótico, mas meu quarto não era. Era simples, limpo e organizado — minha pausa da vida da Matilha. Como minhas roupas, o quarto era decorado em tons de preto, branco e cinza. Uma cama de dossel branca era o ponto focal, perto de uma mesinha de cabeceira que eu tinha pintado com um padrão de preto e branco.

Abri a gaveta de cima da mesinha de cabeceira e olhei para o conteúdo. Camisas e pijamas de inverno, camisolas para noites quentes ou ocasiões especiais. Infelizmente, elas ainda tinham as etiquetas.

— Um dia. — eu reclamei, empurrando-as de lado e puxando para fora uma camisa cinza com o persistente aroma da colônia de Jeff, enchendo a sala. A camisa era uma das suas, com um logo "Jakob Quest" chamativo na frente. Ele me emprestou depois que eu tinha ficado molhada em uma tempestade, e eu tinha me esquecido de devolver.

Ou tinha decidido não devolver.

Eu a coloquei sobre minha cabeça, parando enquanto eu estava embrulhada em algodão e Jeff, saboreando o odor dele, imaginando como seria se ele estivesse aqui comigo.

Eu já tinha imaginado a cena mil vezes: desligando a luz, deitando nos lençóis macios, seu corpo ao lado do meu, braços prontos para me embrulhar ao redor dele.

Mas isso era apenas uma fantasia. Hoje, novamente, a cama estava vazia — Jeff foi substituído, como sempre, pelo frio peso da tradição.

Eu sonhei que estava no telhado da fazenda, uma perna de cada lado, um martelo na mão. As telhas, cinzas com a idade, estavam caindo do telhado, flutuando no chão como penas. Usei o martelo para derrubá-las, mas o trabalho foi inútil. Elas levantaram e subiram, deixando os ossos da casa nua debaixo deles.

— Fallon!

Meus olhos se abriram. Eu não estava no telhado. Eu estava no meu

quarto, deitada no meu estômago, um braço e perna pendurados do lado da cama. Não havia nenhum martelo, mas alguém estava batendo ferozmente na porta do quarto.

— Espere. — eu disse, saindo dos lençóis e me sentando, fechei meus olhos até que minha cabeça parou de girar. Eu dormi como uma morta, e minha cabeça palpitava como se eu estivesse de ressaca.

— Estou indo. — eu disse quando as batidas continuaram e fui para a porta.

Eu a abri e encontrei Gabriel na soleira da porta, uma expressão abatida no rosto. Havia sombras sob os olhos.

— São apenas seis da manhã. — Eu disse, fechando os olhos para a luz do sol. Não dormimos muito, embora nós tendêssemos a dormir nas horas da luz do dia. — O que você quer?

— Sua bunda lá em baixo. A coroa desapareceu.

Coloquei roupas suficientes para transformar a camiseta em uma roupa que podia usar na frente de todos e fui lá para baixo com moletom e os pés descalços.

Adrenalina bombeava, fazendo meu sangue correr e meu cérebro se agitar. Mas eu estava ainda grogue, e a mistura de sensações me fez sentir como uma caloura de faculdade depois de uma noite.

Christopher, Derek e Ben já estavam na sala de estar, mais uma vez ao redor da caixa aberta.

— Onde está o Eli? — Eu perguntei, quando entrei no círculo.

— Cozinha. — disse Ben.

Eu olhei para dentro na caixa. Estava vazia. Até mesmo a almofada roxa se foi.

Medo guerreou com o cansaço e a irritação. — Eu pensei que iríamos colocar a coroa no cofre. — Eu disse.

— Nós colocamos. A caixa estava lá em baixo. — disse Gabriel. —

Vazia.

— Pelo menos não havia aranhas no lugar. — Ben levemente disse.

O olhar de Gabriel na verdade pareceu resfriar o ar na sala. — O cofre estava aberto. Alguém conseguiu abrir a fechadura.

— Quem descobriu que tinha desaparecido? E por que diabos estava no maldito porão às seis horas da manhã? Eu não era uma pessoa matinal. E eu era realmente muito resmungona antes do café.

— Ninguém descobriu.

Dei uma olhadela à porta. Jeff estava lá, cabelo bagunçado, uma jaqueta de couro sobre uma camisa e jeans. Ele parecia chateado, e magia derramava através do quarto como uma horda de insetos com raiva. Ele caminhou na nossa direção, mas não olhou para mim.

Assumi que ele estava chateado porque eu tinha desmarcado com ele na noite anterior. Mas eu tinha feito o que eu tinha que fazer, e eu tinha explicado isso a ele. Ele sabia de tudo. Eu não tinha tempo para um ataque de raiva, especialmente não agora. Estávamos em crise.

Ben olhou para nós e parou seu olhar em mim, a dúvida em seus olhos de forma óbvia. Mas eu balancei minha cabeça. A coroa estava desaparecida. Nosso foco estava na Matilha.

Sempre na Matilha.

— O alarme do cofre disparou. Está programado para me enviar uma mensagem. — disse Jeff.

Ben franziu a testa. — Por que para você?

— Porque eu pedi para ele instalar o sistema de segurança. — disse Gabriel.

— Eu não recebi mensagem avisando que as portas ou janelas tinham sido violadas. — Jeff disse, olhando para ele. — Assumo que o alarme não estava ligado?

— Nós estamos bem longe. — Gabriel murmurou. — Desde quando

precisamos viver em estado de segurança?

— Desde que você é o Apex da Matilha e você trouxe a coroa aqui.

— Jeff rebateu. — É importante.

A magia do Gabe aumentou. — Estou bem consciente da importância da maldita coroa. Não preciso de lembretes.

Sabidamente, Jeff não respondeu.

Eli entrou na sala, duas xícaras fumegantes de café na mão. Eu tinha esperança que uma delas fosse para mim e agradeci minha estrela da sorte quando ele me entregou.

O primeiro gole estava quente, encorpado e inebriante. Dei-lhe um aceno apreciativo. Eli e eu estávamos mais próximos em idade, e passamos mais tempo juntos do que provavelmente qualquer um da família. Ele sabia sobre minha obsessão por café e me ajudava. O que me fazia amá-lo ainda mais.

— Quando foi levada? — Ben perguntou.

Jeff verificou seu telefone. — A quarenta e dois minutos atrás.

Christopher esfregou seu rosto. — Cinco e meia da maldita manhã? Quem acorda cedo para roubar uma coroa às cinco e meia da manhã?

Ben fez um som sarcástico. — Alguém que quer uma coroa e não quer ser pego.

— Lista de suspeitos? — Eli perguntou.

— Todos de Louisiana a Minnesota que querem essa porcaria? Christopher sugeriu.

— Apenas uma dessas pessoas esteve aqui ontem.

Todos nós olhamos para Jeff. — que me encarou. Com raiva. Traído. Acho que ele tinha levado para o lado pessoal depois de tudo.

Meu estômago enrolou com a dor em seus olhos.

Eu rasguei meu olhar para longe e olhei para Gabriel. — Ele quer dizer Patrick.

É por isso que Patrick tinha vindo aqui? Não para me conhecer, mas para se aproximar da coroa? Ele não seria o primeiro potencial com uma intenção.

— Ele estava aqui para conhecer Fallon. — Ben ofereceu, pisando mais perto para mim, como se isso pudesse me proteger da dor.

Jeff olhou para Gabriel. — Ele estava aqui porque ele quer se aproximar da coroa. E há duas maneiras de fazer isso.

Ter a coroa — ou ficar com a garota?

Gabriel se voltou para ele, braços cruzados e magia irritada irradiando do seu corpo. — Há algo que gostaria de tirar da sua cabeça, filhote?

Magia atravessou entre eles, furiosa e quente, girando ao redor da sala como um dervixe. Ambos estavam com raiva, ambos preocupados. Nenhum deles prestes a admitir em voz alta.

A última coisa que precisávamos era uma disputa dentro da Matilha. Tínhamos coisas maiores para nos preocupar.

Eli pisou entre eles, passando por mim. — Vamos todos respirar fundo. Os Yorks são pessoas boas, pessoas de qualidade. Patrick nem queria olhar para a coroa ontem. Ele pareceu muito sincero sobre isso.

— Então ele sabe como agir. — disse Christopher. Ele olhou para mim. — Você esteve com ele. O que você acha?

Todos os olhos se viraram para mim, incluindo dois azuis que não pareciam especialmente satisfeitos com isso.

— Não sei. Eu empurrei meu cabelo para trás das orelhas e peguei o olhar de Jeff sobre a camisa que eu tinha esquecido que eu estava usando.

Senti sua magia me pressionar — possessiva e satisfeita. Ele não comentou, mas não precisava. Eu tinha dormido com sua camisa. Isso não dizia o suficiente?

Mas este não era o momento, então eu o afastei. — Ele parecia

menos interessado na coroa e mais nos meus sentimentos sobre isso, eu disse. — Mas quem sabe?

Jeff pegou um tablet do bolso e começou a escrever na tela. Ele sempre tinha algo em mãos, e esse retângulo pequeno e elegante era seu novo bebê. — Eu vou verificar a câmera.

— Há uma câmera? — Eli perguntou.

— É parte do meu pacote de segurança padrão. — Jeff disse, os olhos sobre o tablet.

Ficamos em silêncio enquanto ele mexia na interface da câmera. — Aqui vamos nós. — Jeff disse depois de um momento, e nós formamos um círculo em volta dele.

A imagem sobre o tablet era distorcida pela lente olho de peixe, que tinha sido montada acima da porta, mas não tinha como confundir o homem na tela: Patrick York caminhou até a porta da frente e deslizou para dentro. Doze minutos depois, ele saiu novamente.

Me senti doente. Nauseada com a traição, humilhada. Limpei uma mão em meus lábios, como se pudesse limpar o beijo que ele tinha dado. Ele tinha me beijado e então sorrateiramente voltado em nossa casa e roubado o item mais precioso da Matilha.

Mas tudo aconteceu tão rápido. Eu peguei o que restava do meu orgulho, e segurei fortemente. — Certamente ele não poderia ter chegado ao cofre, aberto e saído em doze minutos?

— Ele poderia se fosse treinado. — disse Christopher, encolhendo os ombros quando olhamos para ele. — O que? E daí que eu sei como funciona uma tranca.

Ben inclinou a cabeça dele. — Não podemos realmente dizer se ele está levando alguma coisa com ele.

— O que mais ele tiraria? — Eu perguntei. — Ele não tinha razão para estar na casa. Não há razão que não seja a coroa.

Sem esperar por uma resposta, caminhei até a janela e levantei a

faixa. A brisa era frígida, mas era um alívio quando as lágrimas quentes de constrangimento escorregaram pela meu rosto.

Eu as limpei tão sorrateiramente quanto pude. Deus me livre de qualquer um deles me visse chorar.

— Eu posso ligar para o Catcher. — disse Jeff. — Ou Merit. Ou o Departamento de Polícia de Chicago. Mas eu estou supondo que você deseja manter isto em casa. Merit era neta de Chuck Merit, um vampiro da Casa Cadogan de Chicago. Como seu avô, ela passava muito tempo resolvendo problemas sobrenaturais.

— Em casa. — disse o Gabe. — Não precisamos de atenção. O tom dele caiu e se tornou mais fundo e estava rouco de preocupação. — Há uma chance dele saber como usar a coroa?

Silenciosamente, Eli olhou para Jeff.

— Jeff sabe. — disse Gabriel. — Eu disse a ele.

— Segurança. — disse Jeff.

— Nesse caso. — Eli disse. — Eu não sei como ele faria. A informação seria difícil de encontrar, e os Yorks estiveram fora por um tempo muito longo. Duvido que eles sejam mesmo amigos de alguém que saiba. Ele falou alguma coisa para você, Fallon?

Quando eu tinha certeza que meu rosto estava seco, eu me virei, e olhei para meus irmãos. — Não. Nem uma palavra.

— Isto é um desastre. — disse Ben.

Eu sabia que ele queria dizer o roubo, mas me senti responsável. Todos esses problemas, o drama por causa da tradição. O perigo para a Matilha, Jeff furioso, meus irmãos preocupados. Nosso papel na Matilha em risco. Tudo isso porque a tradição tinha colocado um ladrão bem debaixo do nosso nariz. E porque um homem que tínhamos confiado com essa tradição tinha traído a todos nós.

Humilhação começou a dar forma à raiva. E havia apenas uma maneira saudável de lidar com a raiva.

— Eu vou. — eu disse, me voltando para o grupo. — Eu vou encontra-lo, vou acabar com ele e trazer a coroa de volta.

— Eu vou com você. — disse Ben, mas Gabe abanou a cabeça.

— As pessoas vão se perguntar por que estamos enviando metade da família em umas cruzada horas antes da iniciação.

— Eu vou com ela. — Todos nós olhamos para Jeff. — Eles não suspeitarão de nós juntos.

Porque estávamos sempre juntos. E isto dizia muito.

Gabriel olhou entre nós, considerando. — Vão. Vou ligar para Richard nesse meio tempo.

— Isso é inteligente? — Eli perguntou. — Se ele está metido nisto....

— Patrick disse que seu pai estava doente. Não sei se ele está bem para conspirar para dominação da Matilha.

— Ou talvez seja seu último esforço para se tornar o Apex. — disse Ben.

— Vou ligar para ele. — disse Gabe. — Se ele estiver envolvido, não há porque negar isso agora. Se ele quiser a coroa porque ele quer a Matilha, eu duvido que ele vá mentir.

— Patrick está no Hotel Meridian. — eu disse. — É o primeiro lugar onde vamos.

Gabe checkou o relógio do avô que estava em um canto da sala. — A iniciação é a daqui a seis horas. Encontre a coroa, traga-a para casa. Ou entregamos a Matilha para outra pessoa.

Me vesti e encontrei Jeff lá embaixo, onde ele esperava na porta da frente.

— Eu dirijo. — eu disse, e ele não discutiu. Meu carro era um pequeno mini cooper que poderia facilmente ser estacionado em Chicago, e tinha potência suficiente para correr no tráfego. Ou passar por cima de um potencial com uma intenção traidora. Não que eu tivesse violência na minha mente.

Jeff não respondeu ou disse mais nada até que estávamos no carro dez minutos dirigindo. E então ele me surpreendeu.

— Sinto muito. — ele disse. — Eu fui um idiota. Você não merece isso. Não quando você está tentando fazer a coisa certa por sua família. É só... você não sabe como é para mim.

Eu engoli seco. Eu sabia exatamente como era — porque era eu quem estava vivendo com o peso disso. — Eu sei exatamente como é para você. Você não sabe como é para mim.

— Então me diga. Não me afaste.

— Eu não me afasto.

— Se afasta sim. Se esconde atrás de sua família.

— Não me escondo.

— Se esconde sim. Sua voz suavizou. — Se esconde, Fal.

Eu suspirei, com uma sensação de cansaço de repente. — Nós somos

adultos, não crianças. Às vezes os adultos não conseguem o que querem. Mesmo se doer. — eu acrescentei depois de um momento.

Sua voz era tranquila. Esperançosa. — E o que é que você quer?

Eu sabia o que ele queria que eu dissesse. O que ele precisava que eu dissesse. Mas eu não podia. Porque se eu admitisse para ele, para mim, o que eu queria, que eu gostava dele e precisava dele, então eu teria que admitir que tudo tinha sido uma mentira. Que cada encontro com cada potencial tinha sido uma farsa, que eu não estava realmente tentando encontrar um companheiro para o bem da Matilha.

Então eu não disse nada.

Jeff deu um rosnado baixo e passou as mãos pelo seu cabelo. — Juro por Deus, Fallon. Às vezes....

— Às vezes o quê?

Ele suspirou fundo. — Às vezes a vida não é justa. Ele ficou quieto por um momento, em seguida olhou e sorriu para mim. — Terei problemas se eu perguntar como foi o encontro?

— Muitos problemas. — eu disse, mas não pude evitar sorrir de volta. E quando eu o fiz, o mundo parecia certo de novo. — Foi monótono, até que, você sabe, ele invadiu minha casa e roubou o direito de primogenitura da minha família.

— Então você provavelmente não vai sair com ele novamente. O que significa que eu tenho uma chance.

O hotel ficava em Gold Coast, um bairro chique ao norte do movimentado Loop. O prédio que o abrigava combinava com as casas do bairro da área coberta, mas o lobby era moderno e elegante, decorado em tons de branco e creme. Os atendentes da recepção, dois homens com cabelo preto bem arrumado, usavam camisas abotoadas com mangas dobradas, suspensórios e gravatas-borboleta. Era muito estiloso ou muito pretensioso; eu não tinha certeza de qual.

Caminhamos para o balcão. O atendente — Cash, de acordo com a

placa do nome — sorriu para nós.

— Bem vindos ao Hotel Meridian. Vocês vão fazer o check-in?

— Procuramos por um hóspede, na verdade. Patrick York?

— Ah, sim. Ele olhou para a sua tela, digitando alguns caracteres em um teclado avulso. — Infelizmente o Sr. York já fez o check-out. A poucos minutos atrás.

Eu sufoquei uma maldição.

Cash olhou para cima, apologetico. — Há algo mais que eu possa fazer para ajudar?

Jeff e eu nos entreolhamos, e eu optei pela franqueza. — Acreditamos que o Sr. York pode ter inadvertidamente tomado algo que pertencia à minha família.

Os olhos de Cash se alargaram. — Sério.

Eu assenti. — Já que ele foi embora, seria possível nós olharmos o quarto dele? Sei que é um inconveniente, mas minha família se sentiria muito melhor.

Ele fez uma careta. — Essa não é exatamente a política do hotel.

— O hóspede fez o check-out. — eu lembrei. — Então não há nenhuma violação da política. Só queremos ver se ele deixou algo para trás.

Jeff pôs a mão em cima do balcão, uma nota de 100 dólares dobrada sutilmente escondida entre os dedos. — Nós agradeceríamos muito.

Os olhos de Cash ficaram brancos, mas ele pegou o dinheiro e nos entregou um cartão de acesso. — Dezesseis vinte e oito. — ele disse, gesticulando com uma mão para os elevadores. — Sintam-se à vontade.

O elevador estava vazio, e se movia lentamente e firmemente pelo lado do edifício, trazendo ou levando um convidado aqui ou ali. Quando chegamos ao décimo sexto andar, seguimos as setas para a direita, verificando os números do quarto até que chegamos a 1628.

— Aqui. — eu disse, estendendo a minha mão pedindo o cartão de acesso. Jeff me entregou, e eu destravei e abri a porta.

— Poxa. — disse Jeff, pisando no interior, atrás de mim. — Acho que os Yorks têm dinheiro.

Se a suíte fosse alguma indicação, ele estava certo. Um corredor central levava a um banheiro, um quarto e uma sala de estar com vista para o lago. A mobília era top de linha, e chique. Cortinas de seda em listras verticais estavam nas janelas. O quarto ainda não tinha sido limpo, o que nos dava melhores chances de encontrar algum indício do que ele vinha fazendo.

— Provavelmente sim. Ele tinha um motorista ontem.

— Chique. — disse Jeff. — Eu vou procurar pelo quarto. Você olha aqui.

Caminhei até a mesa pequena, abri a gaveta e vasculhei entre papéis e revistas de Chicago. Encontrei o recibo descartado de outro hóspede para o deck de observação no Hancock Tower, datado de mais de um mês atrás e uma pastilha de celofane enrolada.

Nada tinha sido esquecido entre as almofadas do sofá, nada enfiado nas almofadas. Eu encontrei apenas tufo de poeira debaixo do sofá, e o lixo estava vazio.

A sala de estar checada, fui até a porta do quarto.

Jeff tinha puxado a lençóis, travesseiro e edredom da cama e estava metodicamente verificando-os.

— Criados-mudos? — Eu perguntei.

— Ainda não. — disse ele, sem levantar a cabeça.

Eu andei para o outro lado da cama, abri a gaveta. A Bíblia usual estava lá e um pequeno bloco de notas. Nada mais. O mesmo valia para o criado-mudo do outro lado.

Quando eu tinha verificado ambas, me levantei, pus as mãos na minha cintura e dei uma olhada no quarto. Não sabia o que eu esperava

encontrar; Não era como ele fosse esquecer de levar a coroa com ele, ou deixar migalhas em uma trilha como João e Maria.

— Fallon.

Olhei para cima. Jeff estava do outro lado da cama, me chamando. A cama tinha quatro pequenas colunas. E no canto da coluna ao pé da cama, do lado mais perto da porta, tinha um pedaço de tecido escuro.

Estava emperrado firmemente, então segurei na extremidade. Eu cuidadosamente a levantei, e peguei.

Era veludo roxo, do mesmo tecido usado na almofada que protegia a coroa.

— Jesus. — disse Jeff. — Eu esperava que fosse uma coincidência. Isso realmente é uma merda.

— Sim. — eu concordei. — Isso realmente, realmente é uma merda.

Eu ignorei a pontada de humilhação, me sentei na cama, puxei meu telefone e enviei uma foto do tecido para Gabe e um relatório de status. Enquanto esperamos por uma resposta, coloquei o tecido no meu bolso, a evidência do crime.

Jeff se sentou ao meu lado. — Posso acabar com ele se você quiser.

Eu sorri tristemente. — Eu gostaria. Mas ainda acho que é estranho. Quer dizer, eu sei que não o conheço muito bem, mas eu não suspeitei disso. Invadir a casa? Roubar a coroa? Eu balancei minha cabeça. — Ele era tão bem educado.

— Se o seu encontro não correu bem, talvez ele pensasse que fosse sua única opção. Ele disse alguma coisa que sugerisse que ele tinha um plano?

Dei de ombros. — Ele perguntou sobre a iniciação. Queria saber se me incomodava que Connor tivesse a coroa ao invés de mim.

Jeff bufou. — Estou surpreso que não acabou por ele por conta disso. Ou talvez você apenas deu-lhe seu olhar 'mais descontente'.

— Meu olhar 'mais descontente'?

— Sim, sabe. Ele se mexeu para me encarar, levantou seu queixo e me encarou duramente.

— Eu não faço isso.

— Oh, você faz. — ele assegurou. — Você é muito teimosa.

— Eu não sou teimosa. Eu só estou certa. Frequentemente.

— E fica mais descontente quando você está errada. Especialmente se *eu* estou certo.

Uma dor de cabeça começou a palpitar por detrás dos meus olhos, e seus jogos de palavras não estavam ajudando. Eu fechei os olhos e esfreguei as têmporas. — Que dia péssimo.

— Realmente¹¹, disse Jeff, rindo com o trocadilho. — Mas posso melhorar

Eu quase ri com a bravata em sua voz, mas Jeff se mexeu muito rapidamente. Antes que eu pudesse protestar, seus lábios estavam nos meus, terminando o argumento. Ele se inclinou para frente, sua boca insistente, uma mão contra a minha bochecha. Ele me beijou com fome, avidamente, como um homem que se negou a isso por muito tempo.

Eu deixei ele me beijar. Deixei ele me seduzir com mordidas e beijos, e a mão que acariciava minha bochecha. E depois o beijei de volta, meus dedos puxando seu cabelo, puxando-o para mim.

Sua magia correu para frente. Onde a magia de Patrick se misturou com a minha, a de Jeff dançou, brincou e seduziu. Ela nos envolveu, insinuando o fogo que tão facilmente poderíamos começar...

Até que me lembrei onde estávamos, e o que realmente estávamos fazendo lá.

A faísca parou.

¹ Ele diz Royal—ly fazendo um trocadilho já que Royal significa Real. Mas de família real, não de realmente.

Me levantei com os joelhos tremendo e me afastei dele, meu coração batendo contra o meu peito como um tambor. — Jeff, não podemos. Eu não posso.

— Você pode. — disse Jeff, esfregando as mãos sobre o rosto em óbvia frustração. — Mas você não vai.

— Isso não é justo.

Ele olhou para mim, dor em seus olhos. — Nada disso é justo, Fallon. Para nenhum de nós.

Meu telefone tocou.

Nos encaramos até o terceiro toque, quando eu me forcei a olhar a tela. Era Gabriel. — Alô?

— Falei com o Richard. Ele não sabe nada sobre a coroa ou a iniciação. Acho que ele estava sendo honesto. Mas ele admitiu que estava preocupado com o Patrick.

— Estou colocando você no viva-voz. — eu avisei. — O que você quer dizer, com ele está preocupado com Patrick?

— Eu não estou inteiramente certo. Eu também não sei claramente como ele vê as coisas.

— Por causa da doença?

— Sim. Ele não tem a força que costumava ter. Não sei se ele tem a memória, também. Ele sabe que ele está desaparecendo, e ele está preocupado com o jeito que Patrick vai lidar com isso.

— Se estivermos certos, e ele levou a coroa, ele não está lidando bem. — disse Jeff. — Nós precisamos descobrir para onde ele vai agora.

— Richard disse que ele estava indo para casa.

— Qual delas? — eu perguntei, pensando em nossa conversa. — Ele tem duas — uma casa de família em Wausau e uma cabana perto de Sheboygan.

— Você está mais perto de Sheboygan. — disse Gabriel. — Você vai

para lá. Eu vou enviar Damien para Wausau.

Damien Garza era um dos membros faz-tudo da Matilha de Gabriel, um homem quieto com um talento para resolver problemas da Matilha.

Eu olhei para Jeff, que assentiu com a cabeça.

— Estamos indo.

Patrick não tinha me dado o endereço dele, mas eu tinha Jeff para isso. Além de suas habilidades de jogo, ele era um mestre da Web. Ele poderia encontrar uma agulha num palheiro e, neste caso, o endereço de Patrick e prepara-lo no GPS.

Jeff e eu não falamos uma palavra sobre o beijo e não falamos sobre muita coisa na ida para o norte. Mas a tensão no ar era inconfundível. Eu sabia que íamos ter de falar sobre isso mais cedo ou mais tarde, mas não agora. Primeiro os negócios.

A cabana era parte de um bairro no bosque ao lado do lago, um aglomerado de casas e cabanas provavelmente utilizadas por moradores de Chicago para escapar da cidade no verão. Mas era Inverno e o lago estava congelado; a maioria das casas parecia vazia, a neve ainda em montes em torno de suas portas.

A casa de Patrick York, uma casa de madeira com primeiro andar e janelas na frente, foi fácil de encontrar — a entrada estava sem neve, e tinha fumaça na chaminé.

Nós estacionamos a uns 30 metros abaixo da estrada, saímos do carro e olhamos um para o outro.

— Se ele está com a coroa, ele vai querer mantê-la. Devemos estar preparados para uma luta.

Jeff balançou a cabeça. — Você trouxe uma arma?

— Eu sou a arma.

Ele me deu um olhar cortante.

— Lâminas. — eu disse. — Em todo caso, eu tenho minhas lâminas.

Eu tinha dois punhais, cravados e lindos, dentro de minhas botas. — Você?

— O mesmo. Ele fechou sua jaqueta de couro, acenou com a cabeça, e nós voltamos para a casa no bosque. Enquanto caminhávamos, a neve começou a cair, flocos grandes e bonitos que rapidamente cobriram o chão numa colcha branca macia.

Nós chegamos ao fim da calçada e fizemos uma pausa nas caixas de correio.

— Não vejo uma porta dos fundos. — disse Jeff. — Ou ele está passando por uma janela, ou ele vem com a gente.

Eu assenti e me virei para caminhar em direção à porta, mas Jeff agarrou minha mão antes que eu pudesse me mover. Uma onda de luxúria e magia me preencheu, seguida imediatamente por uma onda de arrependimento.

— Tenha cuidado. — ele sussurrou, liberando a minha mão e andando atrás de mim.

Patrick York abriu a porta vestindo uma camisa e calça de brim e uma toalha de cozinha branca na mão. O cheiro de café da manhã — bacon, ovos e queijo — flutuava pela sala.

Levou um momento para que o meu cérebro acompanhasse. Que tipo de ladrão começava a cozinhar depois de roubar uma coroa?

Patrick sorriu para mim, surpresa em seus olhos que se desvaneceu com suspeita quando ele avistou Jeff.

— Fallon. O que você está fazendo aqui?

— Patrick, esse é Jeff Christopher. Ele é um membro do CNA e um amigo da família. Podemos entrar? Nós precisamos conversar. É negócio da Matilha.

Ele pareceu confuso e esfregou as mãos na sua toalha antes de se mover de lado para nos deixar entrar. — Claro.

Nós entramos, e Jeff fechou a porta atrás de nós. O interior da casa

era bonita, madeira talhada exposta nas paredes, mobília feita de troncos e coberta de tecidos xadrez. Equipamento de pesca pendurado nas paredes ao lado de cartazes publicitários antigos de férias na região dos grandes lagos.

Patrick colocou a toalha sobre uma mesa e cruzou os braços. — O que é isso exatamente?

— Não temos tempo para sermos sutis, por isso vou direto ao assunto. A coroa está desaparecida. A evidência sugere que você a levou.

O peso da acusação pareceu realmente pressioná-lo, e ele deu um passo para trás, alternando o olhar entre Jeff e eu. — Me desculpe — você acha que eu roubei a coroa? A coroa da Matilha?

— Você roubou? — Jeff perguntou, com uma hostilidade que ele não se preocupou em mascarar.

— Não, eu não roubei. Ele olhou para mim. — Eu te disse que não tinha interesse na coroa. E eu certamente não roubaria algo que não me pertence. Isso é porque nós falamos sobre a iniciação?

— É porque temos um vídeo de você voltando a casa. Arrombando-a e então saindo novamente.

Patrick fechou os olhos e ficou quieto por um momento muito longo. — Merda. — ele disse finalmente. — Eu sabia que isso ia causar problemas. Sabia e ignorei os meus instintos.

Ele fez um gesto em direção a um conjunto de casacos e jaquetas que estavam pendurados na parede oposta e com o meu aceno, caminhou até a jaqueta preta que ele tinha usado na noite passada. Ele enfiou a mão no bolso e puxou um par de luvas de couro.

As mesmas luvas de couro que ele tinha tirado quando ele chegou pela primeira vez na casa.

— Devo ter deixado cair uma e não percebi até que nós quase estávamos na cidade. Eram do meu pai, e eu não queria deixa-la lá. Ele olhou para mim, se desculpando. — Eu pensei que seria mais fácil se eu

não acordasse ninguém.

Então não teria que me ver de novo, ele quis dizer.

Jeff não se importava com a razão; ele não estava acreditando na desculpa. — Então você afirma que voltou para a casa e a invadiu para recuperar uma luva de couro.

Patrick olhou para Jeff. — Não afirmo. Isso é exatamente o que eu fiz.

— De acordo com o nosso vídeo, você é o único que entrou na casa ou saiu dela. — eu disse.

— E você tem câmeras em cada porta e janela?

Dei uma olhadela para Jeff, que balançou a cabeça. — Só a porta da frente.

— Vamos lá. Posso ter sido o único a entrar e a sair pela porta da frente, mas claramente outra pessoa entrou e saiu da casa. Olha, eu sinto muito que a coroa está desaparecida. Tenho certeza que cria uma tempestade de merda política para sua família. Mas você pegou o cara errado. Ele fez um gesto para a sala. — Eu pareço que estou me preparando para assumir a Matilha? Parece que estou me preparando para um golpe de estado? Eu tenho comida no forno, pelo amor de Deus.

— E que tal isso? Eu puxei o pedaço de veludo do meu bolso, segurei na palma da minha mão estendida.

Ele inclinou-se para olhar para ela. — Não sei o que é isso.

— É da almofada onde ficava a coroa. — disse Jeff.

— E o que isso tem a ver comigo?

— Estava no seu quarto de hotel no Meridian.

— Meu hotel — ele começou, então parou por um minuto. Um flush escureceu as suas bochechas. — Ah. Isto é... embaraçoso. Ele limpou a garganta, olhou para mim, se desculpando. — Quando eu voltei para o hotel, tomei um drinque no bar. Conheci uma pessoa. Eu não planejava

encontrar com alguém, mas aconteceu. Ele fez uma pausa. — Não voltei para meu quarto, se você sabe o que quero dizer.

Eu ia começar a me referir as últimas vinte e quatro horas, como a Noite das Mil Humilhações.

Jeff, no entanto, não estava humilhado. Ele estava chateado. — Você rejeitou Fallon Keene e então saiu com alguma piranha de bar?

Nós dois nos viramos para olhar para Jeff.

— Jeff.

— O quê? Não me importo se ele é um York, Keene ou um Old McDonald. Ele precisa aprender algum maldito cavalheirismo.

Patrick tinha pelo menos 35 kg a mais que Jeff, mas isso não impediu de Jeff dar um passo ameaçador.

— Uau. — Patrick disse, levantando as mãos. — Você entendeu errado. Fallon é quem não estava interessada, não eu.

As sobrancelhas de Jeff se levantaram. — Oh?

— Ei, idiotas, temos uma coroa desaparecida. — lembrei, ignorando o sorriso repentino no rosto de Jeff. — Podemos voltar a isso?

Patrick olhou para mim. — A questão é, eu não estava no quarto.

— Estava reservado no seu nome. — disse Jeff. — Eles sabiam que você tinha feito o check-in e o check-out. Se você não estava lá, quem estava?

Emoções passaram por todo o rosto de Patrick, de negação à confusão e à raiva. — Tom. — ele finalmente disse. — Eu dei o número do quarto ao Tom.

— Quem é Tom? — Jeff perguntou.

— O motorista. — eu disse, como se o peso da verdade se fixasse em nós.

Patrick abanou a cabeça. — Ele não faria isso com a família. Nos colocar nesse tipo de posição. Criar esse tipo de perigo para nós.

— Talvez ele não esteja fazendo isso para a família. — Jeff disse calmamente. — Talvez ele esteja fazendo isso para a família. Para colocar os Yorks no poder.

Patrick balançou a cabeça. — Meu pai está doente. Ele não tem a energia, e ele não está interessado na coroa.

— Ele não precisa estar interessado. — eu disse. — Talvez Tom esteja interessado o suficiente para os dois.

Patrick quis negar; isso ficou claro em seu rosto. Mas ele lidou com isso, considerou e finalmente, acenou com a cabeça.

— Eu disse a ele que não precisava ir à cidade comigo. Mas ele se ofereceu, queria vir. Era uma grande coisa, ele disse, que eu tivesse uma oportunidade de conhecer a Fallon Keene. Acho que foi uma oportunidade para ele.

— Onde ele está agora?

— Ele foi à cidade comprar suprimentos.

Como se fosse uma sugestão, uma porta de carro fechou lá fora.

— Como você quer lidar com isso? — Patrick perguntou.

— Deixe-o entrar na casa. Vai ser mais fácil lidar com ele aqui do que se ele ficar vagando por Wisconsin.

Patrick assentiu com a cabeça. Eu fui para cozinha, e Jeff ficou na sala de estar, apoiando-se em um canto para bloquear qualquer esforço de Tom para sair novamente.

A porta se abriu e Tom entrou, um saco de compras na mão, a neve fresca no seu chapéu e ombros. — Trouxe as compras, chefe.

Ele olhou para cima como presa sentindo predador, provavelmente reconhecendo a magia desconhecida que permeava a casa.

Patrick entrou no quarto. Jeff se deslocou para a porta da frente, bloqueando-o com seu corpo.

Tom olhou para a sala, e os olhos dele ficaram frios.

— Tom. — disse Patrick. — Eles estão aqui para falar com você. Dizem que você pegou a coroa.

Os olhos de Tom se achataram. — Não sei do que você está falando.

Entrei na sala. — Não vamos deixar isso mais complicado do que deveria ser.

Ele me olhou com desdém e então virou seu olhar para Patrick novamente. — Essa coroa devia ser sua. Você merece. Deveria tê-la. Sua família é mais velha. Se esforçou mais. Tem mais para mostrar.

Patrick parecia completamente desnorteadado. Não pensei que alguém pudesse imitar esse tipo de surpresa, então eu o excluí como provável cúmplice.

— Você está falando sobre traição. — disse Patrick.

— Estou falando sobre o que é certo. — Tom insistiu, espetando o dedo indicador no ar como se pontuando suas palavras. — Você sabe quem devia estar governando a Matilha? Você... Não o maldito Gabriel Keene.

Me mexi para mais perto dele. — Onde está, Tom? Onde você colocou a coroa?

Ele olhou para mim, lábios torcidos. — O quê, Gabriel não consegue lutar suas próprias batalhas? Tem que mandar sua putinha para resolver?

Luz e magia explodiram através da sala.

Jeff se transformou em um tigre, emergindo da nuvem de magia, onde antes estava um homem, três metros de pele e musculo branco e preto. Ele abriu sua boca e rugiu, dentes de marfim apareceram, o som fazendo vibrar o vidro nas janelas.

Eu dei mais um passo em frente. — Bem, Tom. Este é Jeff Christopher, um dos metamorfos favoritos de Gabriel. Ele é um bom amigo, e realmente não gosta de insultos. E não acho que ele comeu em algumas horas. Eu olhei de relance para Jeff. — Muita fome?

Ele rosnou ameaçadoramente.

Tom olhou entre nós e, em seguida, agarrou a parte mais próxima de mobília — uma prateleira alta — e empurrou-a para nós. Vidro, madeira e bugigangas fizeram um estardalhaço no chão, quando eu e Patrick saltamos para evitar a queda.

Tom saiu correndo, correndo de volta para a porta e para o quintal. Outro flash de luz e ele se transformou em um lobo negro e magro e então fugiu para a escuridão.

— Vá! — eu disse a Jeff, que atravessou a porta atrás dele.

Eu olhei de relance para Patrick. — Fique aqui no caso dele voltar. E ligue para Gabriel — conte o que aconteceu.

Patrick assentiu com a cabeça e puxou o telefone dele, olhando cuidadosamente para longe quando eu arranquei minhas roupas e as joguei em uma pilha. A magia da mudança, infelizmente, não fazia muito para roupas. Se a queria depois, você tinha que tirá-la primeiro.

Nua na porta, neve beliscando a minha pele, eu pulei... e deixei a mágica me cobrir. Quando eu caí no chão, eu estava na minha forma de animal. Uma loba cinzenta, os mesmos olhos âmbar. Minha mente continuava humana, mas os meus sentidos eram de animal. O mundo se abriu em cheiros e sons que eu não poderia ter detectado na minha forma humana, incluindo a trilha de aroma e magia que agora levava para a floresta na nossa frente.

Eu fui em frente, neve sendo esmagada sob as minhas patas e fui para a floresta. Não havia nenhum caminho fora daquele que cortava através do mato nevado, meus membros se dobrando com a força do corpo. Eu empurrei para ter mais velocidade, minhas orelhas fazendo esforço para escuta-los... e não ouvi nada até escutar um rugido felino.

Jeff, eu pensei com pânico, as patas indo mais rápido e mais rápido através da neve, meu coração batendo como bateria. Alguns metros a mais e os encontrei no chão em um emaranhado, peles brancas e negras contra a neve recém caída. Sangue respingava no chão debaixo deles

enquanto eles rolavam. Jeff era consideravelmente maior, mas Tom era menor e mais ágil.

Eles rolavam, Tom mordendo a coxa traseira de Jeff até que Jeff sacudiu Tom para longe. Tom saltou e rolou, enquanto Jeff mostrou os dentes e gritou sua frustração pela noite adentro.

Minha vez, eu pensei. Cabeça para baixo, eu dei um passo em frente, os dentes à mostra. Tom se levantou, sacudindo a queda e mostrou os dentes novamente, me desafiando a atacar. Seu focinho estava ensanguentado, o que só me enfureceu mais.

Eu pulei, pousando em suas costas, colocando minhas garras e mordendo-o para fazê-lo desistir. Ele rolou, me pressionando de volta na neve até que ele se afastou novamente e saltou para longe, um pouco do pêlo de Tom e de sua pele pendurada no focinho de Jeff. Se você joga com os grandes gatos, você está destinado a se machucar.

Rolei e me levantei enquanto Jeff pulava em Tom novamente, afundando suas garras na parte de trás do pescoço de Tom e jogando-o para frente como um bicho de pelúcia. Mas Tom ainda não parou. Ele escalou rigidamente seus pés novamente, olhos estreitados e lábios enrolados em uma imitação arrepiante de um sorriso. Ele me encarou e foi para frente, um passo lento de cada vez, com intenção violenta nos olhos.

Ele veio em frente, e eu me preparei para o impacto. Mas o peso veio de uma direção diferente. Jeff tinha corrido para frente, me empurrando para fora do caminho, e seus corpos, tão grandes e poderosos, se encontraram com um som de trovão, as pernas da frente no ar, raspando a pele e a carne.

Eles se enrolaram, várias centenas de quilos de animais lutando e batendo no chão com o impacto de um terremoto, caindo pelo chão com a força de um tanque. Eu tentei sair do caminho, mas não fui rápida o suficiente. Tom girou e fui atingida com a força de seus pés, que me mandaram para trás.

Bati em uma árvore, minha cabeça batendo em seu casco, e todo o mundo virou de cabeça para baixo. Minha visão triplicou e o som tornou-se uma onda de fúria.

Minutos se passaram enquanto eu estava na neve, só vagamente ciente da luta. E então, finalmente, maciez passou contra minha coxa.

Levantei minha cabeça. Jeff esfregava sua enorme cabeça contra mim como um gato de estimação. Ele olhou para mim com cara de um tigre, mas a preocupação em seus olhos eram muito Jeff Christopher.

Ele fez um som embaralhado, cutucou meu quadril de novo. Rolei e tentei me colocar aos meus pés. Levou duas tentativas antes que eu conseguisse ficar em pé, todas as quatro patas no chão.

A floresta estava tranquila e quieta, neve ainda caía em flocos grandes e pesados. Tom tinha desaparecido. Jeff tinha deixado-o ir afim de garantir que eu estava bem.

Ele me cutucou outra vez, mais devagar, um hacker no corpo de um gato grande que tinha vindo em meu socorro, que estava onde eu precisava quando eu estava preocupada, que me queria apesar de tudo.

Quando o som na minha cabeça aquietou para um rugido maçante, nós voltamos pela floresta.

Aparecemos outra vez na estrada principal, o ar branco com a neve. A SUV preta que Tom tinha conduzido tinha sumido junto com quaisquer rastros cobertos pela neve.

Nós voltamos para a casa e nos transformamos de volta e colocamos nossas roupas.

Patrick estava sentado no sofá xadrez, mãos entrelaçadas na frente dele. Ele olhava para o chão, choque ainda claro em seu rosto.

— Falei com Gabriel. — disse ele, olhando enquanto caminhávamos de volta para a sala. — Ele disse que tinha falado com meu pai. Ele vai enviar Damien para vê-lo. Ele olhou para mim, o medo nos olhos dele. — Não quero que meu pai se machuque.

Damien Garza tinha uma reputação de crueldade. — Ele não vai, se não tiver razão para isso. Mas se isso for traição.... Eu não precisei terminar a frase. Todos os metamorfos sabiam o custo da traição. Algumas famílias, como a minha, melhor do que outras.

Eu me sentei no sofá em frente ele, e Jeff me seguiu. — Tom disse que queria a coroa para seu pai. Você acha que seu pai teria enviado ele aqui? Perdoado o que ele tinha feito? Ajudado a planejar isso?

— Não, disse Patrick. — De jeito nenhum. Ele não se importa com política, e mesmo que se importasse, ele respeita Gabriel. Se ele tivesse algo a dizer, ele não diria desse jeito.

— E sua doença? — Jeff perguntou.

Patrick olhou para ele. — Sua saúde está se deteriorando. Mas não sua mente. E não seu senso de lealdade.

E eu apreciava a lealdade de Patrick com sua família, mas precisávamos mais do que palavras e garantias.

Ter a coroa significava ter o poder de controlar a Matilha. O risco era alto demais para confiar em instinto. — Vamos ver o que Damien tem a dizer. Olhei ao redor da casa. — Você verificou aqui?

— Em cima e embaixo. — Patrick disse. — enquanto vocês estavam lá fora.

— Devia estar no veículo. — disse Jeff.

Patrick assentiu com a cabeça. — Nem mesmo o ouvi sair. A neve, eu acho. Onde você acha que ele vai agora?

Dei uma olhadela para Jeff, que acenou para mim. Ambos estávamos pensando a mesma coisa.

— Ele quer sua família no comando da Matilha, não a minha. E estamos prestes a dar boas-vindas ao Apex herdeiro para o bando. Se eu fosse ele... — eu disse — eu atingiria a iniciação.

Uma hora se passou. Voltamos para a casa e encontramos a família na sala da frente já vestida para a cerimônia, que era em menos de duas

horas.

— Damien está conferindo a casa em Wausau. — Gabe disse. — rolando os ombros desconfortavelmente em um paletó preto que mal continha sua massa muscular. — Richard está lá, junto com o resto da família. Eles estavam chocados e horrorizados pelo que Tom fez.

— Eles suspeitam de alguma coisa? — eu perguntei.

— Não de acordo com Richard. Tom sempre foi leal, mas nunca louco. Damien acreditou neles.

E temos outra ideia de onde Tom possa estar. — Droga, eu murmurei.

Gabriel olhou para mim com olhos de âmbar vibrando. — Há algo que você gostaria de dizer, Fallon?

Eu peguei o olhar de Jeff e encontrei simpatia lá. De alguma forma isso me fez sentir pior.

— Ele ainda tem a coroa, e a culpa é minha.

— Como está traição é culpa sua?

— Não pude trazê-la.

— Você roubou a coroa? Entregou para ele? Se afastou da batalha porque tinha medo?

— Não, claro que não.

Gabriel assentiu com a cabeça. — Ok, então. Você lutou uma batalha, e perdeu. Isso acontece. Nós somos metamorfos; não super-heróis. O importante é se erguer depois da perda, se preparar para a próxima. Se repreender porque você não ganhou é um desperdício de tempo e energia. Ele sumiu, mas vai aparecer esta noite.

Eu pretendia assegurar que isto era verdade. — Nós podemos patrulhar o perímetro. — eu sugeri. — Vasculhar a igreja procurando pontos fracos.

— E vamos precisar de mais guardas no santuário. — disse Eli.

— Na verdade, acho que é uma má ideia.

Todos nós olhamos para Jeff.

— Você acha que guardas é uma má ideia? — Gabe perguntou. – Por quê?

— Porque eles podem assustá-lo. Olha, ele tem a coroa. Ele está planejando tomar uma posição... caso contrário, qual é o objetivo de todo trabalho? E, sim, a cerimônia faz todo o sentido.

Ele se inclinou para frente. — Nós sabemos onde e quando ele vai tentar usar a coroa para reivindicar o controle da Matilha. Isso nos dá vantagem de jogar em casa. Deixe ele vir. Estaremos prontos.

Gabriel olhou para ele, os olhos brilhando como se iluminados pelo sol. — Estaremos prontos, ele concordou.

St. Bridget era linda, uma igreja de arquitetura fantástica e proporções de conto de fadas. O edifício, também localizado na Aldeia Ucraniana, foi construído de pedra rosa — pêssego com torres de turquesa — e o interior era muito colorido, com lotes de madeira e pedra de mármore.

Agora, era o local de esquemas parecidos com os dos vampiros. Nós tínhamos adivinhado que Tom tomaria uma posição. Em vez de tentar mantê-lo fora, o deixáramos entrar, a coroa na mão. E então nós íamos acabar com ele.

Por sugestão de Jeff, um pequeno grupo de confiáveis metamorfos tomava posições lá fora no escuro, escondidos da vista mas mantendo um olho sobre a igreja e seus pontos de acesso. Se — ou quando — Tom tentasse alguma coisa, nós o veríamos.

O interior da igreja teria a mesma configuração. Alguns amigos da família, todos metamorfos, sentavam-se nos bancos das igrejas, se estivessem se preparando para testemunhar a iniciação de Connor. Mas eles estavam armados e alertas — e eles estavam tão animados como metamorfos podiam estar sobre a possibilidade de uma boa briga.

Jeff e eu, ambos vestidos de preto, estávamos na frente da igreja, olhando a escuridão. A neve ainda caía, pulverizando o bairro de branco.

— Você está nervosa. — disse Jeff.

— Não é todo dia que eu uso a minha família como isca.

— Eles sabem se defender. — ele disse. — É um bom plano.

— Eu sei. E foi seu bom plano.

Ele assentiu, e ficamos em silêncio, tanto sem ser falado entre nós.

— Nós devíamos entrar. — disse Jeff. Me virei para entrar na igreja, mas ele pegou minha mão e me puxou contra seu corpo. Antes que eu pudesse me opor, seus lábios estavam nos meus, sua boca insistente.

Ele me beijou ali na escadaria da igreja, com neve caindo como lágrimas ao nosso redor. Quando se afastou um momento depois, a minha respiração estava curta.

— Jeff. — eu disse, mas ele balançou a cabeça, inclinou sua testa contra a minha.

— Toda vez que eu respiro, eu respiro por você. Toda vez que eu falo, eu falo por você. E toda vez que eu uivo, eu uivo por você. Ele pressionou seus lábios nos meus, tão devagar. — Isto não acabou, disse ele e entrou.

Minhas mãos e joelhos tremendo, eu o segui.

Gabriel ficou no fundo da igreja com Eli. O resto dos meus irmãos tinha tomado seus lugares, vestidos em trajes como se tivéssemos planejado proceder normalmente. Mas Tanya e Connor estavam seguros em uma antessala com Berna e alguns de seus asseclas. Ela não parecia uma grande ameaça — figura atarracada, cabelo descolorido — mas ela era, como Gabriel gostava de dizer, um wolverine quando envolvia a sua família.

— Algum sinal? — Gabriel nos perguntou.

— Ainda não. — disse Jeff. — Mas acho que ele vai aparecer logo.

— Ele vai aparecer logo. — disse Gabriel. — Se ele foi ousado o suficiente para roubar a coroa, ele é ousado o suficiente para tentar fazer a iniciação dele. Tomem suas posições.

Jeff assentiu com a cabeça e tomou seu lugar do outro lado do

corredor. Eu caminhei para o segundo posto e deslizei através da madeira lisa para me juntar a Ben e Christopher.

Gabriel se aproximou do palanque em frente à igreja e olhou para os metamorfos que vieram testemunhar a história.

— A Matilha existe só porque seus membros permitem. Os Keenes governam só porque a Matilha permite. Meu pai manteve esta Matilha segura e temos tentado fazer o mesmo, para garantir a vontade da Matilha. Estamos com sorte de ter dado à luz a uma nova geração. É a décima segunda geração de Keenes protegendo a Matilha. Seu olhar era frio. — E de um jeito ou de outro, ele será trazido para a Matilha em seu lugar de direito.

As portas foram abertas com um estrondo, magia correndo como se fosse água. A magia da coroa era inconfundível. Mas quando eu olhei para trás, não era Tom quem usava a coroa.

Era Patrick.

Eu estava muito atordoada para me mover, para falar. Ele tinha me enganado. Enganado a todos nós. Ele tinha fingido inocência, fingido choque na reação de Tom e fingido interesse em mim. Fúria cresceu em mim, quente e afiada.

— Patrick. — disse Gabriel. — Estou decepcionado.

Patrick foi para frente, a coroa brilhando no topo do seu cabelo escuro. — Por quê? Por que alguém foi mais esperto do que você? Por que não é o único que acha que pode comandar a Matilha?

A expressão de Gabriel não mudou, mas sua magia seguiu em frente, enchendo o ar com calor e energia. — Porque você usou as pessoas. Porque você traiu seu pai e sua Matilha. E porque você acha que qualquer dessas coisas o qualifica para ser o Apex.

Patrick sorriu finamente. — Estou usando a coroa. É a única qualificação de que eu preciso.

— Esta é uma visão infeliz. Um líder precisa de soldados. Cadê o

Tom? Ou o resto da sua família?

Os olhos de Patrick se estreitaram, mas só por um momento. — Tom fez a parte dele. Ele está acabado. E minha família é irrelevante.

— A família nunca é irrelevante. — disse Gabriel. — Família é a Matilha, e Matilha é a família.

— Falando nisso. — disse Patrick — Cadê a sua? Sem mulher? Sem criança? Eu acho que você não pode ter uma iniciação sem uma coroa.

— Oh. — Gabriel disse, seu tom enganosamente suave. — não se preocupe, filhote. Ainda vai haver uma iniciação. Ele soltou um assobio cortante, e entramos no lugar. Os metamorfos surgiram a partir do Hall de entrada, varanda, alguns escondidos do santuário, cercando Patrick e a coroa.

A expressão de Patrick não se alterou. Se alguma coisa, ele parecia excitado pelo desafio. – Chances de vinte para um. — ele disse. — Você quer pegar mais cinco ou dez metamorfos para si para ficar igual?

Sua arrogância era impressionante. Era isso que ele achava que era ser um bom Apex? Exagero e força bruta?

Mas Gabriel não se moveu. Foi Jeff quem se adiantou para Patrick.

Gabriel sorriu. — Estou com medo de que eu vou ter que entrar na fila. O Sr. Christopher o viu primeiro, meu amigo.

— O tigre de estimação de Fallon? Isso deve ser divertido.

Os olhos de Jeff eram frios e duros. — Não tão divertido quanto incrivelmente satisfatório. Ele flexionou os dedos ameaçadoramente, e deu seus ombros.

— Você quer lutar como humanos? Patrick perguntou, diversão suave no rosto. Ele pensava que estava com sorte. Achando que lutar com a magra forma humana de Jeff seria uma vitória mais fácil do que lutar com o tigre.

Como se o homem fosse de alguma forma menos tenaz, pensei, com o menor indício de um sorriso.

— Oh, não quero que perca a coroa se transformando. — disse Jeff.
— Eu acho que nós podemos cuidar disso à moda antiga.

— Vamos lá. — disse Patrick, apontando para frente.

Jeff não perdeu tempo. Patrick protegeu o seu corpo para o lado para se preparar para o ataque de Jeff.

— Coloco vinte no Jeff. — Ben murmurou para Christopher, ambos estavam sentados no banco à minha frente.

— Sem apostas. — disse Christopher. — Não vou apostar contra a casa.

Uma decisão sábia. Eu tinha visto Jeff lutar antes, sabia que ele era um soldado capaz. Mas esta batalha era sobre emoção. Era sobre Gabriel, a Matilha, a coroa... e eu.

Eles começaram como boxeadores, circulando um ao outro, punhos cerrados e prontos para começar. Patrick optou por força bruta, tentando dar três socos antes que ele percebesse que Jeff era mais rápido. Patrick tentou um soco no queixo, e Jeff usou isso contra ele, dando um chute na sua direita desprotegida.

Patrick cuspiu uma maldição, mas continuou em pé. — Você é uma coisinha tenaz, não é?

— Você quem está dizendo. — disse Jeff, esquivando-se de outra tentativa de soco frontal. — Não eu. — ele acertou Patrick com um soco no estômago que o mandou para trás.

Mas isso só incitou a raiva de Patrick. Ele se equilibrou, seguiu em frente e puxou Jeff para o chão. Eles lutaram, rolaram até o altar, batendo nos jarros de flores e hinários no chão.

Patrick o acertou com um soco no rosto que cortou os lábios dele, deixando o cheiro de sangue no ar.

De repente atingida por medo, comecei a me levantar, mas Ben colocou a mão na minha, sacudiu a cabeça. — Deixe Jeff lidar com isso.

Jeff mudou o peso de seu corpo, rolou sobre Patrick novamente,

acabou em cima dele... e então socou seu rosto.

Os olhos de Patrick vibraram, e a cabeça bateu no chão de mármore com um baque doente.

Peito arfante, Jeff se levantou e arrancou a coroa da testa de Patrick. — Acredito que isso pertence a outra pessoa, seu filho da puta.

Depois de Patrick ser levado para fora e Jeff ter se limpado, Berna escoltou Tanya e Connor ao santuário. Com Gabriel, eles foram juntos para frente da igreja.

Enquanto Tanya segurava Connor, Gabriel levantou a coroa, em ambas as palmas das mãos, como se medindo seu peso. A igreja estava totalmente silenciosa, todos nós esperando uma palavra do nosso alfa.

Depois de um momento, ele olhou para nós. — Eu tinha um plano de coisas a dizer. Coisas que eu considere por um tempo muito longo. Coisas que eu achava que eventualmente gostaria de dizer à minha irmã, ou talvez para minha filha. Agora, meu filho. Isto é apenas um pedaço de metal, ele disse, segurando-a, luz brilhando das gravuras. — Mas também é muito mais do que isso. É um lembrete de quem nós somos, das promessas que fizemos uns aos outros.

Gabriel abaixou a mão, colocou a coroa cuidadosamente na cabeça do Connor. Era grande demais, mas inclinada para trás ela conseguiu se manter fixa.

Os olhos do Connor estavam enormes, e ele estava quieto, como se espantado com o peso da coroa em sua cabeça. Provavelmente uma boa lição.

— Eu aqui inicio Connor Devereaux Keene dentro da Matilha. Que ele viva muito tempo, lute ferozmente, ame bem.

Os metamorfos exclamaram e gritaram sua alegria, aplaudindo ferozmente a criança que estava diante deles, com os olhos bem abertos e sorridentes na comoção que faziam em seu nome.

Gabriel colocou um braço ao redor de Tanya, puxando-a para perto

enquanto a multidão comemorava sua família. Eles estavam felizes, uma unidade ligada por amor e magia.

E eu só senti tristeza. Por que eu não podia ter isso? Uma chance de felicidade? Uma chance no amor e família? Porque o preconceito tinha que ditar isso?

Eu olhei para Jeff, encontrei seu olhar em mim, olhos bem abertos em compreensão.

E lá no banco, na igreja da nossa Matilha, ele pegou a minha mão, e eu o deixei me levar.

Jeff se levantou e quando a primeira onda de metamorfos que tinha oferecido seus parabéns tinha se afastado, se moveu em direção a Gabriel.

— Precisamos conversar. Sua voz era calma, mas sincera.

Gabe olhou para Jeff, então para mim. — Por que não vamos para o corredor?

Enquanto nos mexíamos do santuário para as salas de aula e escritórios, a grandeza da capela deu lugar a utilidade e função. O corredor cheirava a lápis de cor, brinquedos de borracha e sucos de frutas, as paredes com cartazes, arte infantil e o ocasional borrão de pintura a dedo.

Entramos numa sala de aula e Gabriel fechou a porta atrás de nós.

A sala se encheu rapidamente com magia — tensa, irritada e pronta para ferver.

Jeff engoliu em seco, e deu um passo em direção a Gabriel. — Eu amo a sua irmã.

Olhei para ele. Não esperava que ele comesse com amor.

— Oh? — Gabriel perguntou. – Você ama?

— Você sabe que eu amo. Toda bendita família provavelmente deve saber que a amo. Diabos, provavelmente não existem quaisquer seres

sobrenaturais na cidade que não saibam.

Os olhos de Gabriel continuaram normais. — Eu não estou inteiramente certo do que você espera que eu faça sobre isso.

— O que eu espero? Espero que parem com esta merda de potencial para que ela possa ser feliz.

— Ela é um membro da minha família e a segunda na fila para a Matilha. Vocês dois sabem o que isso significa. Ele deslizou seu perigoso olhar em minha direção. — Você conhece o preço.

Olhei para meu irmão, fúria subindo pela segunda vez hoje à noite em um lobo arrogante. — Jeff, você pode, por favor, nos dar um minuto?

Ele manteve seu olhar em mim, mas fez uma pausa.

Acenei novamente, oferecendo confirmação, e ele saiu do quarto e fechou a porta atrás dele. Um grito cresceu em meu peito, e eu lentamente olhei para o meu irmão mais velho.

— Estou farta de você tentar controlar a minha vida.

Gabriel bufou. — Você está com a opinião equivocada que você de alguma forma segue docilmente as minhas ordens?

O tom na voz dele me enfureceu, e tive que fechar minhas mãos para me impedir de esmurra-lo. — O sarcasmo não está ajudando.

— Provavelmente não está. Então que tal a verdade: você tem um papel a desempenhar, e sabe disso. Claro, você gosta de passar tempo com Jeff. Ele é um grande cara. Ele é leal a Matilha. Sempre pronto para servir. Mas ele não é um potencial. Ele não pode ser.

Eu engoli, reunido a minha coragem. — Então eu terminei com potenciais.

Magia derramou sobre o quarto, irritada e picando como insetos. Eu me esforcei para não vacilar.

— O quê? — Gabriel perguntou, muito lentamente.

Teria sido mais fácil recuar. Colocar minha cauda entre o rabo e sair

da sala e deixar as coisas da maneira que tinham sido antes. Mas aquilo me deixava sozinha e sendo desonesta comigo mesma, com Jeff e com os potenciais. Então, reuni minha coragem e a coloquei para fora.

— Estou farta de potenciais. Não vou conhecer mais deles. Eu vou namorar quem eu quero namorar, independentemente do tipo de metamorfo que ele é. E eu vou dar meu lugar na linha de sucessão, se isso for necessário.

Ele olhou para mim, mandíbula cerrada e rangendo. — Este é seu jeito de se rebelar?

— Claro que não. Claro que era, mas não da forma que ele quis dizer. Era uma rebelião contra o que nos tinham ensinado, como eu tinha sido ensinada a ser. Mas não era uma rebelião só por ser rebelde. Era, pela primeira vez, sobre ser fiel a mim mesma.

— Eu fiz o meu melhor para proteger a Matilha, a coroa. Mas é hora de pensar no meu futuro. Eu o amo. Lágrimas subiram aos meus olhos com o poder da admissão. — Ele é a outra metade de mim, e sei disso há muito tempo. Mas eu não queria admitir, e isso não é justo com ele ou comigo ou com qualquer outro. Eu dei uma pausa, olhei para o meu irmão mais velho e líder da minha Matilha. — Eu vou desistir da Matilha por ele. Porque ele vale o preço. Vou abdicar.

Claro que Jeff valia o preço. Foi ele quem me amava independentemente. O único que lutou ao meu lado, apesar da humilhação de potenciais e namoros. Aquele que me fez rir de mim, que me compreendeu melhor do que ninguém no mundo.

Senti como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros. Meu corpo parecia mais leve. Minha alma parecia mais leve. Pela primeira vez na minha vida, me senti como Fallon. Apenas Fallon, porque ele tinha me dado permissão para ser eu mesma.

Por um longo tempo, ele apenas olhou para mim. E, em seguida, levantou um canto do lábio. — Tudo bem.

Olhei para ele. — Tudo bem? É isso?

— Não sabia que você estava aceitando outras respostas. Ele levantou meu queixo, procurando meus olhos. — Eu te amo, Fallon. Bem como seus outros irmãos. E sua mãe e pai. Você é exatamente quem você deveria ser. Nem mais, nem menos. E você sempre será, mesmo se a coroa for sua ou não.

— E a Matilha?

— A Matilha é a Matilha. Gabe fez um gesto em direção à porta. — Você estava naquela capela. Eles sabem amar. Eles sabem respeitar. Essa é a base da Matilha. E se você não pode amar — se você não pode ser corajosa o suficiente para colocar o amor em primeiro lugar, mesmo que você tenha que se sacrificar para fazê-lo — você não serve para a Matilha. Covardes não servem para a Matilha.

Eu assenti com a cabeça, mas coloquei a mão no braço dele. — Você não vai falar com eles agora, vai? Esta é a noite de Connor. Isso pode esperar.

Ele sorriu. — Connor não se lembrará de nada sobre hoje à noite. Mas você vai se lembrar do olhar de pânico no rosto de Eli quando nós contarmos a ele que ele é o próximo da fila.

O brilho dos meus olhos provavelmente não era especialmente gracioso. Mas ele estava certo. — Oh, sim. — eu disse. — Hoje é a noite.

Nós andamos de volta para a sala e todos os metamorfos no santuário se viraram para nos encarar. Gabriel colocou a mão nas minhas costas, me apoiando.

— Há notícias para compartilhar. — disse Gabe. — Nossa Keene favorita tomou uma decisão sobre seu futuro.

Empurrei as palavras para fora em uma corrida, para que eu não perdesse a coragem. — Decidi abdicar. Desisto da minha posição na linha de sucessão. Deixei meu olhar encontrar Jeff, cujos olhos estavam ferozes. — Por amor.

Ruído entrou em erupção em torno de mim. Devia ter esperado raiva ou decepção, porque os parabéns me surpreenderam completamente.

Ben me levantou, me balançou ao redor da sala. – Estávamos esperando por isto, irmã.

Eu olhei para Eli, procurei raiva em seu olhar. Como o próximo metamorfo na fila, a decisão o afetaria mais que tudo. Mas se eu tinha adicionado pressão, ele certamente não demonstrava.

Quando Ben me soltou, eu andei até ele. — Devia ter falado com você primeiro — eu comecei, mas ele balançou a cabeça, colocando a mão no meu ombro.

— Você tem direito de ter uma vida, Fal. Não precisa me pedir permissão para fazer isso. Ou a qualquer outro na sala.

— Tem certeza?

— Sem dúvida. — disse ele, e pela primeira vez, vi em seus olhos aquele mesmo redemoinho dourado de conhecimento que eu muitas vezes tinha visto nos de Gabriel. Ele podia nunca reclamar seu lugar na Matilha, mas se ele fizesse, ele estaria preparado.

Eli me abraçou, beijou o topo da minha cabeça. — Acredito que alguém está esperando por você.

Ele me soltou, e eu olhei na direção do seu olhar.

Jeff ficou longe de todos os outros, os olhos brilhando com amor e o rosto radiante de felicidade. Não acho que já o tinha visto tão feliz assim.

Ele sorriu, estendeu uma mão.

Fui até ele, mordendo meu lábio para segurar um sorriso que parecia que ia rachar meu rosto. Mas ele estava impaciente. Ele se adiantou, me encontrou no meio e colocou as suas mãos em meu rosto.

— Eu te amo, Fallon Keene. Eu te amei desde o momento que te vi. E vou te amar cada dia e noite, pelo resto da minha vida.

Lágrimas floresceram. — Eu amo você, também.

Com a minha família torcendo e aplaudindo ao nosso redor, Jeff Christopher me beijou.

E pela primeira vez, tudo estava bem no mundo.

Ele me fez esperar na sala, e eu fiquei na frente do aquário gigante que ficava em frente à janela, vendo o peixe palhaço nadar pela água.

Quando a porta do quarto se abriu, olhei para trás. Jeff estava na porta em um par de cuecas de seda. Só tinha visto ele pelado quando nós tínhamos nos transformado, mas isso significava que eu não estava prestando atenção na sua nudez.

Jeff podia ser magro, mas ele era bem talhado. Ele tinha o corpo de um atleta de resistência, cada polegada com músculo.

— Meus olhos estão aqui em cima, Fallon.

Tomei a dica, e olhei para ele com um sorriso e o encontrei sorrindo comigo.

Ele estendeu a mão e me chamou para frente. E eu o segui. Na porta, ele me beijou suavemente, e em seguida fez um gesto em direção a sala.

— Senhora, seu palácio.

A cama estava coberta com pétalas de rosa cor de rosa, e uma garrafa de champanhe estava esfriando em um carrinho de prata. Uma voz de mulher rouca sussurrava suavemente ao fundo.

— Isto é... impressionante. — eu disse.

— Apenas espere. Ele desligou as luzes, e duas dúzias de velas ganharam vida ao redor da sala, que agora brilhava suavemente.

— Magia? — eu perguntei.

Ele sorriu. — LEDs. Eu conectei a um circuito... — ele começou, mas desistiu do pensamento. — Não importa. O importante é, estamos aqui. E eu queria que fosse romântico. Só para nós.

Concordei, mas a intimidade em seus olhos me fez sentir tímida de repente.

Ele pegou minha mão. Eu apertei. — Você está bem?

— Estou bem. — disse e desviei o olhar para outro lugar para evitar a intimidade nos olhos dele. Mas ele levantou meu queixo para encontrá-lo novamente.

— Honestidade entre nós. — disse ele. — Só eu e você. Tudo bem?

Eu olhei para ele, lembrei da confiança que já coloquei nele e acenei com a cabeça. — Estou nervosa. Eu e você — e estamos — bem, você sabe.

Ele sorriu. — Eu sei. Mas é apenas eu e você. E não temos um calendário.

Ele me levou para a cama e puxou o cinto do roupão que ele me deixou pegar emprestado. Caiu no chão, revelando a camisola de seda de renda preta que eu tinha colocado embaixo dele.

— Você está absolutamente incrível. A adoração nos olhos dele me deixou com poucas dúvidas de sua sinceridade.

— Obrigada. Você também está muito delicioso.

Ele colocou os braços em volta de mim, me colocou em frente contra seu corpo longo e me beijou. E desta vez não havia restrição, sem medo, sem cautela. Seu beijo era possessivo — e também vitorioso.

Nós caímos sobre a cama, Jeff se desculpando quando ele se enroscou na seda que caía em meus tornozelos. Ele me rolou para cima dele, tirou uma pétala de rosa do meu cabelo, e em seguida, puxou minha boca na dele e me beijou de novo.

Seus lábios eram tão macios, o beijo tão carinhoso. Mas de alguma forma faltava alguma coisa.

Ele recuou, empurrou o cabelo para longe do meu rosto. — Você está bem?

Apoiei meus braços em ambos os lados da cabeça. — Honestamente, eu ainda me sinto um pouco desajeitada agora.

Ele piscou, coçando a sua testa. – Meio que entendo o que quer dizer.

Ele se sentou, olhou para o quarto. — Eu acho que talvez isso não sejamos nós. Eu quero dizer, não me entenda mal – eu gosto de romance tanto quanto qualquer cara. Ele pegou um punhado de pétalas de rosa, e deixou cair como água de suas mãos. – Eu só não tenho certeza de que é o nosso tipo de romance.

Eu olhei ao redor para a cena que ele tinha preparado. Estava tudo perfeito, e de acordo com o livro de romance. Mas talvez não fosse o nosso livro em particular. — Eu acho que você tem razão. O que vamos fazer?

Ele olhou para mim. — Acha que você pode fazer malabarismo?

Pelo visto, eu podia fazer malabarismo. Com algumas instruções.

Ele tinha continuado de cueca, mas eu tinha tirado a camisola e colocado outra camisa do "Jakob Quest" para a lição, e nós tinha ido para a sala de estar, onde tínhamos muito espaço de manobra.

Jeff era uma maravilha. Tendo-o visto no frenesi de jogos completo, não duvidava que ele tivesse uma boa coordenação. Mas vê-lo chicotear saquinhos através do ar em arcos suaves e fluidos era impressionante.

Ele me ensinou a atirar um, depois dois, e eu estava me sentindo otimista. Mas jogar os saquinhos que ele tinha puxado de uma gaveta não ia acontecer.

Eu sorri para a pilha de saquinhos no chão. — Não consigo fazer isso.

— Consegue. — ele me assegurou, em pé atrás de mim, as mãos na minha cintura para garantir que eu estava de pé e mantinha os cotovelos ao meu lado.

Os saquinhos caíram no chão de novo... e depois de novo... e depois de novo.

E depois, por algum milagre da gravidade e inércia, eu consegui. Os saquinhos se moveram como ondas concorrentes, escorregando entre si — e de alguma forma, caindo na mão, onde eu os jogava no ar novamente.

— Eu consegui. — disse com os dentes cerrados, com medo de me mexer. — Acho que consegui.

— Você conseguiu. — disse atrás de mim, sua excitação um zumbido de magia nas minhas costas.

E então... Eu não tinha.

Um dos saquinhos desajeitadamente caiu da minha mão, e quando tentei pegar, instintivamente, joguei outro fora do curso. Caiu no tanque de peixes com um gorgolejo, o peixe se arremessando nos cantos como boxeadores ao toque da campainha.

Jeff socou os dois braços no ar. – Touchdown! Ele gritou, como se eu tivesse acabado de ganhar no Super Bowl.

Eu ri... e não consegui parar. Eu ri até lágrimas caírem do canto dos meus olhos, até que eu estava de joelhos no chão acarpetado, até que meu estômago estava doendo.

— A torcida vai à loucura! — Jeff gritou, correndo em volta da sala de estar comemorando a vitória, bombeando os braços no ar. Ele mergulhou para mim e estendeu a mão, com um punho fechado para segurar um microfone imaginário.

— Srta. Keene, você acabou de fazer seu décimo quarto touchdown neste jogo em um tempo recorde. Como vai comemorar?

Eu ainda soluçando com risos, esfreguei meu rosto e olhei para ele, sorrindo estupidamente. Sorrindo adoravelmente.

Isso, eu percebi, éramos nós. Não jogando um tipo de romance de filme e revista que não nos interessava.

Mas rindo juntos. Aprendendo juntos. Amando juntos. Era o nosso romance particular. E era uma mistura intoxicante.

Ele ainda estava agachado na minha frente quando eu vi a intensidade repentina nos olhos dele, que mudou de humor para a sedução. Desta vez, não fiquei tímida.

Estendi a mão, coloquei uma mão na sua bochecha e enlouqueci

quando ele fechou os olhos, lábios curvando-se com prazer. Me inclinei apertei os meus lábios nos dele e o beijei suavemente. Só um beijinho, uma pequena tentação.

Ele abriu os olhos, surpresa no rosto. — Você nunca me beijou assim.

Franzi a testa. – Assim como?

— Como se você precisasse beijar.

Amor me preencheu, feroz em seu desejo de fazê-lo ver o que eu sabia por um tempo muito longo. Que ele sempre tinha sido aquela pessoa, mesmo que eu tenha negado isso.

Eu coloquei minhas mãos no rosto dele e prendi o seu olhar. — Eu preciso de você. Eu sempre precisei de você. Eu só não me permiti admitir isso.

Ele rosnou baixo em sua garganta, e sua boca estava na minha antes de eu sequer ter processado o som. Era menos um beijo do que uma batalha, e nós dois estávamos destinados a vencer.

Tiramos a roupa com ferocidade animal, rasgando-as como se elas estivessem nos queimando vivos. Achei a sua cueca e o liberei. Ele caiu, pesado e duro, na minha mão.

— Jesus, Fallon. — ele disse contra minha boca, enquanto eu lidava com ele bem e completamente, seu corpo vibrando bastante prazer. — Eu preciso estar dentro de você.

Ele tirou a roupa que permaneceu em mim e me encarou.

— Jeff?

Ele levantou um dedo. — Um momento. Estou saboreando este momento. Gravando na memória. Ele deslizou a palma da sua mão no meio do meu corpo e levantou-a novamente para o meu peito.

Meu corpo cantou com prazer, olhos fechando com as sensações que eu tinha imaginado por tanto tempo, finalmente acontecendo.

Sua boca apertou a minha de novo, e ele me pressionou até o tapete grosso debaixo de nós, sua excitação entre nossos corpos, ávidos por ação. Com as mãos e os dedos ele provocou e suplicou, seus beijos brutais. Eu cravei dedos em suas costas, puxando-o para mais perto.

— Jeff. Eu preciso de você.

Ele rosnou baixo em sua garganta e sem argumento ou atraso, espalhou seu corpo pelo meu poderosamente. Ele fez um barulho que soou como um alívio, mas alívio não estava em sua mente, não para mim.

O doce e nerd Jeff, amante de jogos, sabia como se mover. Cada movimento era quase brutal ficando na linha entre dor e prazer, quando sua boca me torturava. Nossa magia ressuscitou, mantendo o ritmo enquanto o prazer nos preenchia e explodia pelo quarto quando nós gritamos o nome do outro.

Se passaram vinte minutos antes que eu pudesse sentir minhas pernas novamente. Eu olhei de relance para ele ao meu lado, sorri. – Não tenho certeza como vamos fazer para melhorar isso.

Ele nem mesmo hesitou. — Tenho várias ideias muito específicas.

Eu não pude deixar de rir e sentir que ele vinha guardando essa resposta por muito tempo.

— Oh? Me virei para o lado para encará-lo, me sustentando em um cotovelo. — E que ideias seriam essas?

— Fantasias.

— Você não está falando sério.

— Princesa Leia. Mulher maravilha. Espectral. Mística. Hit Girl. Tantas opções.

— Eu não vou vestir uma fantasia para saciar suas fantasias lascivas. — eu disse, deitada no chão de novo.

E depois pensei sobre quem ele era e que esse era o nosso tipo de romance. — Mas se você estiver disposto a ser Bruce Wayne, posso reconsiderar.

Ele estava. Assim como eu.